



Universidade Federal do Pampa

Autora: Fernanda Luiz Saggiomo

**A ARGUMENTAÇÃO NA INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE UMA  
PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

BAGÉ  
2011

**FERNANDA LUIZ SAGGIOMO**

**A ARGUMENTAÇÃO NA INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO A  
PARTIR DE UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valesca Brasil Irala

**Bagé  
2011**

FERNANDA LUIZ SAGGIOMO

**A ARGUMENTAÇÃO NA INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE UMA  
PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à banca do Curso de Letras da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Monografia defendida e aprovada em: 04 de julho de 2011.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Valesca Brasil Irala  
Orientador  
Letras – UNIPAMPA

---

Profa. Dra. Aline Lorandi  
Letras – UNIPAMPA

---

Profa. Dra. Fabiana Giovani  
Letras – UNIPAMPA

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito.

À minha orientadora, Profa. Dra. Valesca Brasil Irala, pela sua competente orientação e pelo apoio para que eu realizasse esse trabalho. A ela, meu carinho e admiração.

Aos professores, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

Ao meu noivo, Rodrigo Candia, pelo apoio e companheirismo em todos os momentos.

Aos meus familiares e amigos, que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram sempre ao meu lado.

Às minhas amigas e colegas: Ângela Claudia, Ana Carolina Freitas, Francine Leite e Simone Kluwe, que ao longo destes anos estiveram sempre presentes, acompanhando-me e apoiando nesta jornada.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

O mistério gera curiosidade e a curiosidade é a base do desejo humano para compreender.

Neil Armstrong

## RESUMO

Este trabalho, que se qualifica como um estudo de caso, surgiu devido às inúmeras discussões quanto ao período em que acontece a aquisição da argumentação, com intuito de confirmar o que muitos estudiosos já afirmaram acerca da existência da argumentação dentro do discurso infantil. Desse modo, a presente monografia consiste na análise de falas espontâneas, da menina G., uma criança de quatro anos de idade. Por meio desse estudo, portanto, pretende-se evidenciar os princípios argumentativos, bem como a presença de polifonia e de marcas argumentativas subjacentes à fala infantil, para que assim seja possível confirmar a presença da argumentação desde a primeira infância. Dessa maneira, este trabalho primará por uma perspectiva dialógica, em que a argumentação não é vista não como um elemento retórico, mas sim como uma construção de sentidos dentro da língua. Para tanto, esta pesquisa terá como suporte teórico a *Teoria da Argumentação na Língua*, proposta por Oswald Ducrot com a colaboração de Asconbre, na qual acredita que a argumentação é constitutiva da língua. Por conseguinte, almeja-se provocar uma reflexão maior acerca da argumentação na infância e da constituição de um sujeito que argumenta.

Palavras-chave: Argumentação, Infância, Polifonia, Princípios argumentativos, Marcas Argumentativas.

## **ABSTRACT**

This work, which qualifies as a case study arose due to the numerous discussions of the period when the acquisition of argument happens, in order to confirm what many experts have said about the existence of the argument into the children's discourse. Thus this work is the analysis of spontaneous speech, of the girl G., a child is four years. Through this study, therefore, we intend to evidence the principles of argument, and the presence of polyphony and argumentative marks underlying the child speech so it may be possible to confirm the presence of the argument since early childhood. Thus, this work will prevail a dialogical perspective, that the argument is not a rhetorical element, but as a construction of meaning into the language. Thus, this study will have theoretical support in the Theory of Argumentation Language proposed by Oswald Ducrot with Ascombre collaboration, This theory believes that the argument is into the language. Therefore, this work aims to result a broader reflection about the argumentation during childhood and the constitution of a person who knows how to argue.

**Keywords:** Argumentation, Childhood, Polyphony, Argumentative principles, Argumentative marks.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Justificativa.....	10
1.2 Objetivos.....	11
1.2.1 Objetivo Geral .....	11
1.2.2 Objetivos Específicos .....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Argumentação: Perspectivas .....	12
2.1.1 Argumentação: Um Estudo Filosófico-retórico .....	12
2.1.1.1 O modelo de Toulmin.....	12
2.1.1.2 Perelman & Olbrechts-Tyteca .....	13
2.1.2 Argumentação: Um Estudo Linguístico-discursivo .....	14
2.1.2.1 Jean-Blaise Grize.....	14
2.1.2.2 Christian Plantin .....	15
2.1.2.3 Perspectiva de Oswald Ducrot.....	15
2.2 Perspectiva Deste Trabalho .....	16
2.2.1 Teoria Escolhida: Teoria da Argumentação na Língua .....	16
2.2.2 Marcas Linguísticas Argumentativas e Estratégias Argumentativas .....	19
2.3 Quanto à Projeção da Pesquisa.....	22
2.4 Argumentação e a Infância.....	23
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 Delineamento da Pesquisa.....	26
3.2 Delimitação do Corpus da Pesquisa .....	26
3.3 Plano de Análise de Dados .....	27
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	29
4.1 Dados do Corpus Pesquisado .....	29
4.2 Análise dos Dados .....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
5.1 Confrontação entre Objetivos Propostos e Atingidos.....	46
5.2 Sugestões Para Outros Estudos .....	47
REFERÊNCIAS .....	48
ANEXOS.....	50



## 1 INTRODUÇÃO

A presente monografia constitui um dos requisitos básicos para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, campus de Bagé. Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias argumentativas utilizadas por crianças, para que, desta forma, perceba-se que a argumentação é intrínseca ao ser humano desde seus primeiros anos de vida e que, por tal razão, precisa ser estimulada e desenvolvida durante a infância.

Esta monografia surge devido às inúmeras discussões quanto ao período em que acontece a aquisição da argumentação, confirmando o que muitos estudiosos já afirmaram acerca dessa existência da argumentação dentro do discurso infantil. Com base nisto, almeja-se mostrar a tamanha importância e benefícios que há no estímulo da argumentação desde os primeiros anos de vida, bem como ao longo de toda a vida escolar, visto que o estímulo dessa capacidade, muitas vezes, é restrito apenas aos últimos anos escolares, especialmente ao Ensino Médio.

Esta monografia qualifica-se como um estudo de caso, por meio de uma pesquisa qualitativa, que a partir do exposto acima, procurará, primeiramente, desenvolver um estudo acerca da argumentação e do desenvolvimento dessa nos primeiros anos de vida. Após, será feito um estudo das estratégias argumentativas no discurso de uma criança de quatro anos de idade, a fim de analisar a hipótese de que crianças nesta faixa etária utilizam diversos recursos argumentativos<sup>1</sup>. Confirmada essa hipótese, procurar-se-á demonstrar a importância que há no estímulo da argumentação desde os primeiros anos de vida.

Este trabalho terá como suporte teórico autores como Plantin (2008), Giovani (2009), Bichibichi [200?], Koch (2008), Del Ré (2010), etc. Esta monografia está sequencialmente dividida em: *Introdução*, que corresponde a presente sessão, onde está sendo descrito, sucintamente, como será desenvolvido o trabalho, incluindo *Objetivos*, sub-sessão na qual será possível visualizar o objetivo geral e específico deste trabalho; *Fundamentação Teórica*, que consiste no capítulo em que serão apresentados todos os pressupostos teóricos consultados para esse trabalho; *Metodologia*, sessão que apresentará todos os métodos e estratégias utilizadas para a efetivação deste, bem como as características e ambiente em que

---

<sup>1</sup> Entende-se *recurso argumentativo* como o conjunto de alguns conceitos que serão explorados mais adiante nesta pesquisa.

o sujeito analisado está inserido; *Análise e discussão*, sessão em que será apresentada a efetiva análise; e para finalizar *Considerações finais e Referências consultadas*.

## 1.1 Justificativa

A presente monografia surgiu pelo questionamento e curiosidade, da minha parte, acerca da oralidade de crianças. Ao longo do curso de Licenciatura em Letras, algumas disciplinas que trabalharam com o ensino de argumentação em textos escritos e outras também em textos orais, fizeram-me despertar o interesse sobre este tema, já que a argumentação, em si, nunca foi um recurso muito explorado durante minha vida escolar.

Com o nascimento da minha irmã, no segundo semestre da graduação, disciplinas como “Fonética e Fonologia” e “Aquisição e distúrbios da linguagem oral” tiveram um significado a mais para a minha vida, pois tive a oportunidade de presenciar muitos daqueles fenômenos dentro do meu âmbito familiar. Eu, portanto, estive constantemente atenta à aquisição da fala de minha irmã, bem como sua capacidade de compreender e argumentar.

Por esta constante análise empírica é que o presente trabalho solidifica-se, para, assim, confirmar, de forma científica, através de uma pesquisa de cunho qualitativo, que o discurso de crianças está permeado de estratégias argumentativas.

Portanto, este trabalho nasce na contramão do que alguns estudiosos, como Jean Piaget, por exemplo, já afirmaram - de outros que ainda afirmam - que crianças, nessa faixa etária, ainda não sabem argumentar. Dessa forma, esta pesquisa procurará ratificar que o que Oswald Ducrot afirma, de que a argumentação é algo inerente à língua.

Além disso, este trabalho justifica-se também pela necessidade que há de explorar essas estratégias argumentativas desde os primeiros anos de vida. Desse modo, no momento em que essa criança ingressar na Escola, ela possuirá um maior domínio argumentativo e, assim, saberá melhor se expressar e mostrar seu ponto de vista frente a diversas situações.

É fundamental salientar que a argumentação é pouco explorada dentro desse âmbito, pois, infelizmente, o seu desenvolvimento, em sala de aula, é escasso, havendo uma “ênfase” um pouco maior apenas no Ensino Médio, resumido normalmente a um trabalho superficial em textos escritos. Com isso, embora o foco desta pesquisa não seja o ensino, procurarei contribuir para que se potencialize o ensino da argumentação no âmbito escolar.

## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivo Geral:

Analisar as estratégias argumentativas existentes no discurso de uma criança de quatro anos.

### 1.2.2 Objetivos Específicos:

- Discutir textos teóricos que embasem o ponto de vista aqui defendido, bem como teorias que divergem à presente análise;
- Analisar alguns recursos argumentativos existentes no discurso da criança (sujeito da análise);
- Produzir uma breve reflexão sobre a argumentação humana, bem como os benefícios de estimular a capacidade argumentativa desde a primeira infância.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Argumentação: Algumas Perspectivas

Para que haja uma compreensão efetiva do trabalho que está sendo desenvolvido, torna-se pertinente iniciar este capítulo apresentando o que é argumentação sob as perspectivas de alguns dos principais autores que abordam este tema: Toulmin (1979), Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958), Grize (1982) e Ducrot (1987).

Segundo Oswald Ducrot (2009), há dois modos de analisar uma argumentação: ou pelo viés da argumentação retórica (atividade verbal que objetiva fazer alguém crer em alguma coisa); ou através da argumentação linguística (perspectiva que demonstra que a argumentação está inserida na língua).

Por tal motivo, é importante destacar que a literatura pesquisada referente ao tema se encontra, portanto, dividida nessas duas perspectivas: sendo a primeira, o estudo da argumentação na tradição filosófico-retórica, que inclui o modelo de Toulmin e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca; e a segunda, o estudo na perspectiva linguístico-discursiva, que inclui a Lógica Natural de Grize e os estudos linguísticos de Oswald Ducrot. A seguir, portanto, é possível ver um esboço dos estudos acerca do tema.

#### 2.1.1 Argumentação: Um Estudo Filosófico-retórico

##### 2.1.1.1 O Modelo de Toulmin

Toulmin citado Plantin (2008) propõe um *Modelo da Coerência Argumentativa*, modelo monologal, em que vários enunciados estão ligados em um sistema e dão ao discurso uma racionalidade. Nesse modelo, ao analisar uma argumentação, o discurso somente é considerado como argumento válido e eficiente através de uma análise do contexto em que este está inserido.

Para Toulmin citado Plantin (2008) um discurso argumentativo é composto de: *Dado* (informação de algo conhecido, evidência na qual nos apoiamos para o desenvolvimento de uma tese); *Conclusão* (posicionamento, pretensão legítima a uma verdade); *Garantia* (conduz a uma adesão imediata à tese/conclusão); *Suporte* (proposições que sustentam as garantias); *Modalizador* (ato de modificar o sentido, a fim de tornar menos categórico/duro; indica o grau de força conferida pela justificativa); *Restrição* (conjunto de critérios legais capazes de entrar em concorrência com o princípio geral) <sup>2</sup>.

Segundo Vieira (2007), esse modelo funciona como um cânone para avaliar a solidez argumentativa, pois após a compreensão desse modelo, sua utilidade fica clara no âmbito científico, visto que a característica mais evidente dos discursos nessa área é exatamente a solidez em suas proposições.

Em suma, de acordo com Leitão & Leite (2006), existem dois aspectos abordados nessa teoria proposta por Toulmin que ainda exercem um grande impacto nos estudos acerca da argumentação: Primeiro é o que concerne à “avaliação da qualidade dos argumentos produzidos em uma língua natural dependerá sempre dos critérios estabelecidos pelos campos e domínios específicos em que a argumentação é produzida” (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, In: DEL RÉ, 2010, p.46), ou seja, a qualidade do argumento produzido dependerá dos critérios definidos pelo contexto em que está inserido; e o segundo aspecto é que no modelo, citado anteriormente, há uma descrição e uma análise das funções dos vários elementos que constituem a argumentação.

#### 2.1.1.2 Perelman & Olbrechts-Tyteca

Plantin (2008) retoma em sua obra *o Tratado da Argumentação* (TA) proposto por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958). A *TA* define seu foco como "o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que propomos a seu assentimento" (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA apud PLANTIN, 2008, p.46). Essa teoria, de Perelman & Olbrechts (1958), parte do princípio que uma argumentação eficaz:

---

<sup>2</sup> Cf. PLANTIN, 2008

É aquela que consegue incrementar a intensidade de adesão, de modo a desencadear entre os ouvintes a ação visada (ação positiva ou abstenção), ou de modo a pelo menos criar, entre eles, uma disposição para a ação, que se manifeste no momento oportuno. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA apud PLANTIN, 2008, p. 46).

O *Tratado da Argumentação* procura mostrar que as técnicas de argumentação estão presentes em todos os níveis enunciativos, seja em uma discussão em família, seja em um debate especializado, tendo em vista que todo argumento almeja ser aceito como “conhecido por todos”.

Segundo Leitão & Leite (2006)<sup>3</sup>, uma das maiores contribuições dessa Nova Retórica, proposta por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958) para o estudo da argumentação na contemporaneidade, é a expressiva evidência na função do auditório (sujeito(s) a quem deseja influenciar) e ao contexto (dimensão dialética) para o funcionamento da argumentação. Para essa teoria, existem três esquemas argumentativos que sustentam as efetivas técnicas argumentativas: “Argumentos quase-lógicos”; “argumentos baseados na estrutura do real” (apoio naquilo que o auditório toma como fato, verdade); “argumentos que fundam a estrutura do real” (com base, em exemplos e casos particulares extraem-se generalizações).

## **2.1.2 Argumentação: Um Estudo Linguístico-discursivo**

### **2.1.2.1 Jean-Blaise Grize**

Jean-Blaise Grize (1982), um dos fundadores da chamada lógica natural, acredita que a lógica é inerente ao uso da linguagem natural e que a argumentação é um dos componentes constitutivos dessa lógica natural do discurso. Com base nisso, Grize propõe, portanto, uma lógica da Argumentação, na qual esta “é um procedimento que visa intervir sobre a opinião, a atitude e até mesmo sobre o comportamento de alguém” por meio de uma esquematização que atua sobre as representações (GRIZE, 1990, apud PLANTIN, 2008, p. 42). Para o autor, um

---

<sup>3</sup> LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, in DEL RÉ, 2010.

enunciado como “São 10 horas” pode ser de caráter argumentativo, pois ele pode intervir na opinião/atitude/comportamento de alguém.

Segundo Leitão & Leite (2006), para essa teoria, leva-se em consideração o papel ativo do sujeito e distingue modos de atividades, como: “receber (estar disposto a reconstruir a esquematização), concordar (não ter objeções a apresentar, é da ordem da convicção) e aderir (tornar sua, própria, esquematização, estaria ligada à persuasão)” (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, In: DEL RÉ, 2010, p.52).

### 2.1.2.2 Christian Plantin

Christian Plantin (2008, p.83) propõe um modelo dialogal, em que a atividade argumentativa “é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista”, pois para esse modelo um aspecto fundamental da argumentação é a articulação de dois discursos contraditórios. Para o autor, o ato de duvidar é uma reação do interlocutor que se recusa a aceitar determinado ponto de vista, e essa situação interacional, conseqüentemente, obriga o interlocutor a argumentar, pois de acordo com este modelo, na argumentação precisa existir o enunciativo e o interacional.

### 2.1.2.3 Perspectiva de Oswald Ducrot

Oswald Ducrot, que é considerado um dos mais conceituados estudiosos acerca da argumentação atualmente, propôs a *Teoria da Argumentação na Língua* (TDA). Com isso, por seu caráter estruturalista, Ducrot objetiva explicar o funcionamento da língua, já que a considera “passível de uma análise lógica” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p.63).

Segundo Flores e Teixeira (2005, p.64), “o pensamento de Ducrot constrói-se em um movimento constante, sempre atento ao surgimento de impasses que possam invalidar o eixo central da teoria que desenvolve: a argumentação está na Língua”, desta forma, torna-se relevante apontar aqui, de modo sucinto, as quatro fases de seu trabalho:

A *primeira fase*, conhecida também como *Standard*, consiste na “concatenação de dois segmentos do discurso: o argumento e a conclusão” (FLORES; TEIXEIRA, 2005,

p.227), centrada na análise da pressuposição linguística inscrita na materialidade linguística. Já a *segunda fase* abrange os trabalhos acerca das palavras que organizam o enunciado e da *Teoria da Polifonia*, que será detalhada logo mais. A *terceira fase*, segundo Flores e Teixeira (2005), corresponde à *Teoria dos Topoi Argumentativos*, na qual se conserva a ideia da argumentação na língua, mas inclui a noção de topos (princípio comum argumentativo). A *quarta fase*, que corresponde à etapa mais recente da *Teoria da argumentação na Língua*, se refere à *Teoria dos Blocos Semânticos* e ao conceito de modificadores.

Assim, os estudos de Oswald Ducrot, com a colaboração de J.-C. Asconbre e, recentemente de Marion Carel, sustentam a ideia de que a argumentação é um encadeamento discursivo. Para esta teoria, portanto, a argumentação está inscrita no funcionamento da língua e, “todas as operações de enunciado têm valor argumentativo” (PLANTIN, 2008, p.32), já que o argumento contém um fato e se constitui na apresentação de uma razão.

Dessa forma, para Ducrot a *argumentação* consiste em uma “operação semântico-discursiva em que o sentido do enunciado é construído a partir de um segmento-argumento e em um segmento-conclusão, mediados por um lugar-comum argumentativo” (FLORES et. al. , 2009, p.49), ressaltando que o argumento (também chamado de segmento-argumento) “é definido como um segmento que juntamente com o segmento-conclusão constitui o sentido do enunciado” (FLORES. et. al. 2009, p.51).

Assim, como afirma Plantin (2008, p. 34), essa é uma teoria de significação, pois “o valor argumentativo de uma palavra é, por definição, a orientação que essa palavra dá ao discurso”.

## **2.2 Perspectiva Deste Trabalho**

### **2.2.1 Teoria Escolhida: Teoria da Argumentação na Língua**

O presente trabalho utilizará como pressuposto teórico: *Teoria da Argumentação na Língua* (ADL), com enfoque na *teoria da Polifonia* e na *Teoria dos Topoi Argumentativos* propostas por Oswald Ducrot. De acordo com a perspectiva da ADL:



[...] a argumentação é tratada como uma questão de sentidos na linguagem [...] a partir desse momento que se introduz um componente argumentativo dentro da língua e se tenta descrever as frases da língua por suas possibilidades de encadeamentos com outras frases e, mais precisamente, por seus encadeamentos argumentativos (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006 In: DEL RÉ, 2010, p. 54).

Primeiramente, cabe aqui definir sucintamente, o que é a *Teoria da Polifonia da enunciação* e o que é a *Teoria do Topoi Argumentativo*, para bem compreender a análise a seguir.

A Teoria da Polifonia da enunciação parte do princípio que um enunciado é a representação de uma ou várias vozes, ou seja, segundo essa perspectiva, qualquer manifestação verbal é influenciada pelo ponto de vista do outro.

De acordo com o Dicionário de linguística da enunciação, a Teoria da Polifonia é um “conjunto de conceitos que se fundamentam na ideia de que um enunciado comporta um ou vários sujeitos que estão na origem do seu sentido” (FLORES et. al., 2009, p. 228). Consequentemente, essa teoria contesta aquela ideia de que cada enunciado tem apenas um falante, já que o sentido de um enunciado é representação de um ou vários sujeitos.

Segundo Ducrot citado por Silva (2001, p.100): “o sentido de um enunciado configura-se não só através dos termos nele contidos, mas igualmente através das ‘figuras’ enunciativas que apresenta, as quais remetem ao contexto da enunciação”, com isso, essas figuras enunciativas, por compreender as várias representações do sujeito, fazem parte do sentido do enunciado.

Para esta teoria, o ato enunciativo está dividido em duas partes, conferindo a primeira ao sujeito falante (conhecido como Ser Empírico, um elemento da experiência, a origem do ato) e o segundo é o Locutor (que corresponde ao ser do discurso, responsável pelo enunciado, a quem a marca de primeira pessoa se refere, uma ficção discursiva).

Após explicitar sobre a diferença do que é Ser Empírico (SE) e Locutor (L), é possível compreender as duas formas de polifonia no discurso. A primeira refere ao discurso direto, que consiste na apresentação de uma enunciação dupla, em que o próprio sentido do enunciado atribuiria à enunciação dois locutores, por exemplo: Ana diz “Fernanda me falou: eu te empresto minha bolsa”.

A segunda forma de polifonia ocorre quando “se encontra, em um discurso, a voz de alguém que não tenha as propriedades que se atribui ao locutor” (SILVA, 2001, p.100, grifo do autor), assim, esses sujeitos são denominados de enunciadores, pois eles surgem através da enunciação mostrando somente a manifestação de suas posições. Segundo Silva (2001), essa

última perspectiva de polifonia oportuniza uma maior compreensão acerca de alguns fenômenos linguísticos, como a pressuposição (que será elencada posteriormente). Dessa forma, Moraes (2001) afirma que:

A polifonia em textos verbais está, de modo geral, ligada aos recursos, estratégias argumentativas presentes na comunicação linguística. Esses recursos visam levar o alocutário a posicionar-se frente a um ponto de vista. Argumentar, então, significa a possibilidade de um sujeito comunicante influenciar na formação de uma opinião. Colocar em cena uma pluralidade de vozes diferentes das do locutor ou, mais precisamente, vozes de enunciadores que sustentam pontos de vista diferentes ou não dos do locutor, inclui uma abertura à discussão, à polêmica. (p.1)

Na análise que será desenvolvida a seguir, será utilizado o termo Autoridade Polifônica, proposto, também, por Ducrot. Esse termo é utilizado quando há ou uma autoridade polifônica (diretamente inscrita na língua) ou um raciocínio autoridade (que é o uso de recorrências, analogias e induções máximas, ditos populares ou expressões consagradas pelo uso) que reforçam o discurso, acrescentando-o um peso argumentativo particular (KOCH, 2008, p.155).

Já a Teoria do Topoi é um estudo da natureza, das características e das finalidades dos princípios argumentativos na constituição e na descrição do sentido de uma língua (FLORES; TEIXEIRA, 2005). Essa fase da Teoria da Argumentação da Língua acredita que “a relação argumento-conclusão, que constitui o sentido dos enunciados de uma língua, é garantida (e/ou mediada) por um lugar comum argumentativo, um princípio argumentativo, o topos”. (FLORES et al, 2009, p.229). Em outras palavras, o topos garante o encadeamento discursivo, transição do argumento à conclusão.

De acordo com essa teoria o topos possui três propriedades:

a) a *universalidade* – o topos é partilhado pela comunidade linguística à qual pertencem aquele que realiza a argumentação e aquele a quem ela é proposta. b) *generalidade* – o topos é válido, além da situação na qual é aplicado, para um grande número de situações análogas; c) *gradualidade* – o topos relaciona duas escalas entre as quais estabelece uma correspondência de valores argumentativos (mais e menos) (FLORES et al, 2009, p. 232 grifo nosso).

À luz dessas fases da teoria ADL, a linguista Ingedore Koch também trará sua contribuição para este trabalho. Ela, que é considerada uma estudiosa brasileira no que

concerne à argumentação, em seu livro *Argumentação e Linguagem*, traz um levantamento de teorias Filosófico-Retóricas e de teorias Linguístico-discursivas (com maior enfoque na última). Assim como Ducrot, Kock considera que a argumentação está inscrita no uso da língua e que por isso: “A argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente por meio das articulações argumentativas” (KOCK, 2008, p.21).

De acordo com esta perspectiva linguística-discursiva, a linguagem é de natureza social e, por isso, “toda enunciação, seja procedente de situação oral ou escrita, tem falante e ouvinte ou emissor e receptor, o que lhe concede um caráter de reciprocidade” (SILVA, 2001, p.91). Desse modo, assume-se neste trabalho também a perspectiva de Giovani, a qual afirma: “Os discursos são sempre permeados de valores, atitudes e crenças, além de serem fluidos e receberem pressões sociais e da própria situação argumentativa” (GIOVANI, 2009, p.4), posição que comprova o valor ideológico intrínseco do discurso. Logo, é possível perceber que não existe neutralidade ideológica em um discurso, pois todos possuem um fim persuasivo mais ou menos claro.

### 2.2.2. O que são Estratégias Argumentativas e Marcas Linguísticas Argumentativas?

Essa seção é de suma importância para a efetiva compreensão da análise que será desenvolvida posteriormente, pois aqui, primeiramente, será definido e esclarecido o conceito de estratégias argumentativas, para, posteriormente, compreender quais serão as marcas linguísticas presentes no discurso que demarcam a argumentação.

Na obra: *Aspectos de produção do texto argumentativo*, de Kreutz [200-], é possível compreender que, para a eficácia de um texto argumentativo é preciso possuir estratégias argumentativas coerentes. Além disso, o autor afirma que, para que haja uma análise de textos argumentativos, é preciso examiná-los através de dois pontos de vista: da intenção e da estratégia argumentativa (em que o primeiro determina o segundo).

No que tange as estratégias argumentativas, de modo geral, elas ocorrem através da escolha do tema e da forma em que esse é apresentado ao enunciário (KREUTZ, [200-]). Portanto, o tema estará com seu foco na tese que será defendida, já que a tese é a primeira decisão feita pelo enunciador. Essa é de caráter ideológico, pois é defendida de acordo com a

posição do enunciador e de sua conclusão geral. No que tange ao modo em que a tese e o tema serão apresentados cabe ao enunciador:

Selecionar o tipo de texto, o assunto, a variante linguística, a lógica argumentativa fundamentada na verossimilhança ou plausibilidade (determinada por tipos de cultura, áreas de conhecimento, hierarquia de valores etc), meios pelos quais o texto será concretizado e veiculado, tudo em consonância com as condições de apreensão do destinatário. (KREUTZ, [200-], p.4)

Dessa forma, constituem estratégias argumentativas atividades como: “a seleção do tema e sua estruturação, até o uso tático de recursos linguísticos e estilísticos que, segundo a aposta do autor, contribuirão para a consecução do fim desejado” (KREUTZ, [200-], p.3). No que refere à linguagem oral, constitui-se (também) como estratégias argumentativas: “a linguagem verbal associada à linguagem gestual, como forma de concretizar o texto” (KREUTZ, [200-], p.4). Entretanto, é importante ressaltar que a utilização dessas táticas para o desenvolvimento da efetiva argumentação é muitas vezes traçada de maneira inconsciente e de acordo ao contexto de determinado discurso.

Após a efetiva compreensão do conceito de *Estratégias Argumentativas*, cabe agora definir o que é *marca linguística da argumentação*<sup>4</sup>. De acordo com Koch (2008, p.33), são as “relações que se estabelecem entre o texto e o evento que constitui sua enunciação”. E são elas: as *pressuposições*, as marcas das *intenções* (implícitas ou veladas); *modalizadores* que mostram a atitude diante do enunciado que produz; os *operadores argumentativos* e as *imagens recíprocas* que se estabelecem entre os interlocutores e as máscaras por eles assumidas. A seguir, serão elencadas, sucintamente, as marcas linguísticas na argumentação que são relevantes para este estudo.

Torna-se relevante explorar o termo pressuposição que, segundo Koch (2008), carrega uma função específica em qualquer discurso, tornando-se um dos fatores constitutivos do sentido dos enunciados: “dizer que F pressupõe X significa dizer que a maior parte de seus enunciados pressupõem X, engajando seu locutor com relação a X, embora não servindo para anunciar X” (KOCH, 2008, p.71).

Já a intencionalidade refere-se tanto a um fenômeno que ocorre na mente do enunciador quando o mesmo realiza qualquer atividade, como também na existência de uma série de marcas linguísticas inseridas no texto e que determina o seu sentido. Assim, para

---

<sup>4</sup> Entende-se o termo marcas argumentativas, também, como marcas linguísticas da argumentação.

Koch (2008), sempre que o sujeito produz um texto (seja ele oral ou escrito), ele é movido por uma determinada intenção. A partir da intenção, primeiramente, traçadas (consciente ou inconscientemente) e posteriormente utilizadas (ou não) determinadas estratégias argumentativas no seu discurso.

Ao abordar os operadores argumentativos, Koch (2008) faz referência a um trabalho de Ducrot, Anscombe e Voght. Segundo ela, os operadores são, basicamente, uma série de morfemas que indicam a força argumentativa e o sentido que os enunciados apontam. Com esses operadores, torna-se possível identificar a conclusão para a qual o enunciado serve de argumento.

Com base teórica nos estudos de Koch (2008), serão apresentados alguns desses operadores argumentativos, que servirão como embasamento para a posterior análise: 1. operadores argumentativos que apontam a intensidade de um argumento, a fim de orientar para determinada *conclusão* (até, mesmo, inclusive, ao menos, pelo menos); 2. operadores argumentativos utilizados para acrescentar outro(s) argumento(s) (e, também, nem, tanto ...como, não só...mas também, além de, além disso, ainda, aliás, etc.) 3. operadores que introduzem uma conclusão alusiva a argumentos presentes em enunciados precedentes (portanto, logo, por conseguinte, em decorrência, conseqüentemente, etc. 4. operadores que introduzem argumentos referentes a conclusões contrárias: (ou, ou então, quer .... quer, seja ...seja); 5. operadores argumentativos que constituem relações de comparação (mais que, menos que, tão ...como); 6. operadores argumentativos que introduzem uma justificativa (porque, que, já que, pois); 7. operadores argumentativos de contraposição de conclusões (*mas*<sup>5</sup>, porém, contudo, todavia, no entanto, *embora*, ainda que, posto que, apesar de (que), etc.). 8. operadores argumentativos com função de introduzir assuntos pressupostos dentro do enunciado (já, ainda, agora); 9. operadores argumentativos que se classificam em escalas opostas (tudo, todos –afirmação-, nada, nenhum –negação-, um pouco, quase –afirmação-, pouco - negação).

Após essa síntese das principais vertentes que focam a argumentação, define-se, portanto, que esse trabalho primará à perspectiva dialógica, em que a argumentação não é vista não como um elemento retórico, mas sim um como “uma questão de sentidos na linguagem” (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, In: DEL RÉ, 2010, p. 54). Assim, a pesquisa

---

<sup>5</sup> Segundo Koch, existe uma diferença entre os operadores argumentativos, *mas* e *embora*. O *Mas* é considerado um operador argumentativo por excelência e nele há uma “estratégia do suspense”, já no uso do operador *embora* existe uma estratégia da antecipação.

também terá como pressuposto teórico a linguagem como forma de ação sobre o mundo, repleta de intencionalidade e carregada de ideologia (KOCH, 2008).

Além disso, cabe ressaltar aqui que, com base no conceito de estratégias argumentativas, serão analisados os recursos argumentativos no discurso da menina G. Entende-se recursos argumentativos como o conjunto de alguns conceitos estudados aqui (como as marcas linguísticas de argumentação, a polifonia e os princípios argumentativos) que servirão para definir dentro do discurso, períodos em que ocorre a argumentação no discurso infantil.

### **2.3 Quanto à projeção da pesquisa**

O presente trabalho trata-se de pesquisa qualitativa, pois através dela se almeja compreender um determinado acontecimento de forma aprofundada. Somado a isso, parte-se do pressuposto teórico que: "Dela [pesquisa qualitativa], faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo" (NEVES, 1997, p.01).

Deste modo, a pesquisa que está sendo desenvolvida analisará, de forma profunda, a construção da argumentação na infância. Esse trabalho será feito através da observação de um único objeto de estudo, que é uma criança, do sexo feminino, de quatro anos de idade. Assim, a observação e coleta dos dados serão feitas mediante contato direto e interativo com a criança. Esta pesquisa qualitativa se enquadra em um estudo de caso, que, segundo Vilabol:

É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu "como" e os seus "porquês", evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/>. Acesso em 29/10/2010.

Para que este estudo de caso se efetive, é necessário além de um sucinto percurso entre algumas das principais teorias da argumentação, já feito anteriormente, é necessário também caminhar entre algumas teorias sobre a linguagem infantil, para que se entenda, de fato, como este processo ocorre nos primeiros anos de vida, para que, então, seja possível constatar a real importância de estimulá-la desde os seus primeiros anos de vida.

## 2.4 Argumentação e a infância

Como já foi citado anteriormente, este trabalho nasceu a partir de discussões acerca da argumentação infantil. Desse modo, primeiramente, será apresentada a teoria piagetiana, que é uma perspectiva que diverge à visão de *argumentação infantil* deste trabalho, para posteriormente apontar autores que possuem o mesmo ponto de vista que será aqui defendido e que, conseqüentemente, servirá de suporte teórico para a efetivação desta análise.

Para Piaget, a criança com quatro anos de idade, encontra-se no período pré-operatório, pois recém está iniciando a utilização de esquemas na representação, mas seu pensamento ainda é egocêntrico, pois continua centrado, unicamente, no seu ponto de vista. Segundo Passos et al. (2007), na teoria piagetiana, uma criança só estaria apta a argumentar no momento que entender o pensamento operacional formal, e isso, de acordo com a teoria, ocorre apenas entre 10 e 11 anos de idade. Piaget afirma que “como não é necessário socializá-lo, a criança não tem preocupação de convencer nem de provar e, em função disso, apresenta um raciocínio menos rigoroso, menos dedutivo” (FARIA, [200?] p.2). Portanto, para Piaget uma criança de quatro anos de idade não possui a capacidade de argumentar.

Entretanto, Passos et al. (2007) afirmam também que inúmeros estudos, como os de Garvey e Eisenberg, provam ao contrário o que Piaget acredita. Pesquisas evidenciam que crianças são capazes de justificar seus posicionamentos desde muito cedo, e que, muitas vezes, elas ainda aguardam um posicionamento de seu oponente, pois acreditam que essas justificativas são fundamentais para conseguir efetivar sua argumentação, como é possível verificar no trecho a seguir:

[...] as crianças escolhem seus discursos em função dos interlocutores e que elas têm necessidade das reações de seus parceiros. Quando elas constatarem falta de atenção, elas produzem palavras destinadas a reter a atenção, quando o interlocutor parece

não compreender, elas repetem, retomam, corrigem e, assim, é graças a esse feedback que se opera a adaptação. (SHALTZ E GELMAN apud FARIAS [200?], p.4).

Com base nisso, Farias [200?] explana que a criança nasce com esse potencial, que é o de argumentar, e à medida que ela interage na vivência em sociedade, esta argumentação torna-se ampla e valorizada. Por isso, torna-se importante salientar que, esse potencial varia, pois ele vai ser desenvolvido de acordo com o contexto no qual está inserido e do *input* que recebe deste.

Por isso, é necessário desenvolver essa argumentatividade desde os primeiros anos de vida, pois essa é fundamental para a interação social por intermédio da língua. Conforme Bichibichi afirma:

Os alunos devem desenvolver a sua capacidade argumentativa, desde cedo, não só para saberem defender seus pontos de vista, mas também para conseguirem reconhecer a validade dos argumentos que lhe são apresentados diariamente por outras pessoas e não aceitarem simplesmente porque a fala do outro é atraente e envolvente. (BICHIBICHI, [200?], p.3)

Giovani (2009) concorda com o que Dolz ao afirmar que as pessoas a todo momento são atores ou espectadores de atos argumentativos, e por isso defende seu ensino precoce na escola, assim como Souza (2003):

A criança: ela vivencia, oralmente, desde cedo, situações argumentativas, podendo, portanto, ser sensibilizada a produzir textos de opinião, ainda na escola primária. Por isso, é necessário o aluno ter conhecimento da situação argumentativa e dos principais elementos que constituem esse tipo de discurso (SOUZA, 2003, apud GIOVANI, 2009, p.4).

De acordo com Silva (2001), o discurso de uma criança é permeado de princípios argumentativos, que servem para evidenciar uma afirmação. O discurso infantil, muitas vezes, está repleto de vozes, o que corrobora a reiteração desses princípios, para fazer com que esses se tornem princípios argumentativos mais gerais, ou seja, com maior aceitação, conferindo, assim, uma maior força argumentativa aos enunciados.



Além disso, segundo Silva, o discurso infantil possui diversos modificadores, visto que a criança, desde cedo, conhece a argumentação inerente à língua, o que possibilita reorientar o seu dizer, já que a atitude do interlocutor é reconhecida pela criança.

Embora já delineado o percurso que esta análise tomará, é preciso levar em consideração o que Leitão & Leite (2006) afirmam:

A argumentação infantil é um fenômeno que se insere no âmbito geral da aquisição da linguagem pela criança. Estuda-la requer, portanto, uma explicitação [1] da concepção da linguagem em que se ancoram as investigações, [2] das posições que (a partir da concepção de linguagem adotada) se assume a respeito das relações entre a linguagem e os aspectos cognitivos da argumentação e [3] de uma teoria de aquisição de língua(gem) (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, In: DEL RÉ, 2010, p.58).

Então, considerando os pontos acima elencados, a concepção de linguagem aqui defendida, é a da linguagem como forma de ação sobre o mundo, repleta de intencionalidade e carregada de ideologia (KOCH, 2008). Desse modo, assume-se a posição a respeito da linguagem e os aspectos cognitivos da argumentação, em que a argumentação não é vista como um elemento retórico, mas sim um como “uma questão de sentidos na linguagem”, visto que ela (a argumentação) está inserida na língua. Com base nisso, essa pesquisa assume também o *interacionismo social*, como teoria da aquisição da língua(gem), já que ela propõe que “a criança não seja apenas um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do outro” (DEL RÉ, 2010, p. 25).

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Delineamento da pesquisa

O trabalho constitui-se um estudo de caso, pois através de uma pesquisa de cunho qualitativo, será desenvolvida a interpretação de um determinado fenômeno, que terá como instrumento de análise as falas espontâneas de uma criança de quatro anos de idade. Desse modo, a partir de uma coleta de dados, serão traçadas pistas para uma efetiva reflexão sobre a argumentação, as estratégias argumentativas infantis e a importância desta na formação de um sujeito questionador, reflexivo e que saiba se posicionar diante das mais diversas situações.

Desta forma, foram/serão seguidos os procedimentos descritos acerca da pesquisa qualitativa: *definição do problema* (que são as inúmeras discussões que há quanto ao período em que acontece a aquisição da argumentação); *formulação das hipóteses* (crianças de quatro anos possuem um discurso repleto de estratégias argumentativas); *Referencial Teórico*: (já apresentado no capítulo anterior); *Coleta de dados*<sup>7</sup>(que já foi concluída), análise dos dados (será produzida no item *Análise e Discussão*), para que posteriormente, seja possível desenvolver as *considerações finais* acerca desta análise, concluindo o presente trabalho monográfico.

#### 3.2 Delimitação do Corpus da pesquisa

Quanto à criança, é uma menina que chamada Giovana (G.)<sup>8</sup>, possui quatro anos e nove meses de vida. Ela reside na cidade de Bagé, na região sul do Rio Grande do Sul, em um bairro da zona leste da cidade. A menina, pertencente a uma família de classe média, mora com sua mãe e pai (de 43 e 47 anos respectivamente) e com sua irmã (de 22 anos de idade). O ambiente desta casa é tranquilo, e todos estão envolvidos em seu processo de desenvolvimento, estimulando a curiosidade e o desejo de aprender.

---

<sup>7</sup> É de suma importância ressaltar que, para efetivar a coleta de dados, primeiramente, foi produzido um termo, na qual os pais de G. assinaram a fim de autorizar a coleta de dados. (conforme é possível visualizar no anexo A).

<sup>8</sup> Seu nome, muitas vezes, será reduzido à G.

A G. é uma criança ativa e muito comunicativa que adora brincar e assistir a inúmeros desenhos animados, talvez essa seja a razão da aquisição do pronome “você” em sua fala<sup>9</sup>. Além disso, ela procura sempre centrar as atenções do ambiente nela (o que é característico desta faixa etária), e para isso ela usa todos os argumentos possíveis para conseguir aquilo que deseja. Atualmente, G. está, diariamente, em contato com crianças de sua faixa etária, visto que ela entrou na escola infantil em fevereiro/2011. Além do ambiente de sua casa e da escola, G. também visita, juntamente com seus pais, ambientes como: a casa de familiares e amigos da família, a Igreja<sup>10</sup> (a que seus pais pertencem), praças, etc.

Este trabalho, portanto, tem como meta, analisar criteriosamente todas as estratégias comunicativas utilizadas pela G., através de gravações e transcrições de sua fala (já produzidas anteriormente), para que, assim, seja possível fazer uma reflexão sobre a argumentação infantil, bem como a importância e benefícios de estimulá-la desde os primeiros anos de vida.

### **3.3 Plano de Análise de Dados**

Neste subitem será apresentada a metodologia desenvolvida para a análise da pesquisa. Para a realização da presente análise, portanto, foram gravados cerca de oitenta minutos, no formato MP3, na qual foram utilizados aproximadamente cinquenta minutos.

Estas gravações foram coletadas através do gravador de som do celular e do laptop. É interessante apontar que algumas das gravações feitas a partir do laptop sofreram danos devido a microfonia, o que impossibilitou a transcrição daqueles dados.

Dessa forma, foram gravados 30 episódios, compostos de falas espontâneas de G. (disponíveis no anexo B, do presente trabalho). Desses episódios foram selecionados 13 excertos para compor a análise<sup>11</sup>. A escolha 13 excertos foi feita de acordo com o que a autora julgou com mais pertinência ao assunto dessa pesquisa.

É importante salientar aqui, que o período de cada gravação é relativamente curto, não se estendendo por mais de três minutos, tendo em vista que foi decidido, em comum acordo com os responsáveis da G., que a menina não estaria a par das gravações.

---

<sup>9</sup> Ressaltando que o pronome “tu” é o predominante nesta região.

<sup>10</sup> Vale ressaltar que essa igreja possui usos e costumes conservadores.

<sup>11</sup> Cabe afirmar que, no momento da escolha desses excertos, também foram feitos alguns recortes, a fim de focar o que é relevante para a análise.

Desse modo, foram feitas as transcrições dos arquivos de áudio, utilizando um modelo utilizado por Del Ré (2010), para que, assim, fosse possível proceder a análise do presente trabalho monográfico.

Os arquivos de áudio foram gravados em situações cotidianas que envolveram G., a pesquisadora e, em algumas situações, envolveram, também, a mãe e/ou a avó de G. As gravações foram produzidas entre o dia 11 de setembro de 2010 até 03 de maio de 2011, período referente a quatro anos e um mês e quatro anos e nove meses da menina G.

Assim, após concluir a gravação e transcrição das situações conversacionais do Sujeito da Pesquisa, foi iniciada a elaboração da análise, com base na *Teoria da Argumentação na Língua* proposta por Oswald Ducrot.

## 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Dados do *corpus* Pesquisado

O *corpus* da pesquisa é composto por uma série de conversas espontâneas de uma menina, aqui chamada de G., com sua irmã (F.) e algumas vezes com sua mãe (M.) e avó (V.). Por se tratar de uma criança de quatro anos de idade, foi decidido, em comum acordo com os seus responsáveis, que as gravações seriam produzidas sem a menina perceber. Essa decisão foi tomada para que as conversas se desenvolvessem de forma espontânea, de modo que não houvesse, em hipótese alguma, alteração no comportamento de G. e, conseqüentemente nos dados a serem analisados.

A partir de vários episódios ocorridos entre setembro de 2010 e maio de 2011, foram selecionados alguns excertos significativos para mostrar a argumentação presente no dizer de uma criança de quatro anos de idade, a fim de provocar uma reflexão acerca da argumentação infantil e da constituição de um sujeito que argumenta;

### 4.2 Análise dos dados

#### Excerto 01: (4 anos)

*Situação:* No dia 11 de setembro de 2010, F. e G. estão no quarto de F. e enquanto F. tenta ler, G. pede para F. pintar um desenho, que segundo G., será para o carteiro levar para o museu.

- G. – Ah Nanda, pinta um pouquinho, pinta duas horas.  
F. – Duas horas!? Tudo isso?  
G. – Aham! Pinta agora, por favo:::r.  
F. – Mas duas horas é muito tempo.  
G. – Por favo:::r. Só cinco horas, então.

É possível observar, nesse primeiro excerto, que a partir da intenção de G. (que é convencer F. a pintar um desenho), ela traçou algumas estratégias em seu discurso, a fim de atingir seu objetivo.

Primeiramente, com o uso de “pinta um pouquinho, pinta duas horas”, pode-se perceber o uso de *pouquinho* como atenuador, ou seja, um *modificador*, para que o interlocutor (F.) considere que o tempo que ele vai perder será relativamente curto e, assim, aceite pintar.

Em seguida, ao ver que seu interlocutor não concordou em ajudá-la, G. utiliza uma estratégia argumentativa muito comum na oralidade, o uso da entonação, como no exemplo do prolongamento da vogal (por favo::r) no sentido de comover seu interlocutor a aceitar.

Além disso, ela reorganizou seu discurso, acrescentando a expressão: “Só cinco horas, então”, já que F. achou duas horas muito tempo e a criança, por não ter ainda a noção de tempo, deduziu que 5 horas seria menos tempo que 2 horas, procurando “negociar” com F., a fim de que essa aceitasse pintar.

Pode-se ainda perceber que G. usa o *operador* “só” para passar, novamente, a ideia que será apenas um tempo curto, gerando uma certa plausividade em seu discurso, para que F. aceite pintar.

Já o uso do “então”, pode-se compreender como uma forma de negociar o tempo com F., transmitindo uma conclusão contrária ao argumento no enunciado anterior.

### **Excerto 02 (4,1 anos)**

*Situação:* No dia 29 de setembro de 2010, G. e F. estão brincando de mamãe e filhinha e G. vai contar uma história para F. dormir.

F. – Ah eu quero história... do Pinóquio.

G. – Ah, do Pinóquio. Tá bem. Essa é a última que eu vou te contar.

F. – A última que tu vai me contar?

G. – É a última. Aqui está a história do Pinóquio.

F. – Ah, então tá. Me conta a história do Pinóquio.

G. – Tá eu vou te contar, mas fique quietinha.

F. – Eu tô quietinha, mamãe.

Neste trecho, é interessante perceber a polifonia que há no discurso de G., pois ela, ao assumir a postura de mãe na brincadeira, traz, de forma indireta, o discurso de sua mãe, ao

afirmar: “Ah, do Pinóquio. Tá bem. Essa é a última que eu vou te contar”, já que a menina, talvez de modo inconsciente, trouxe à tona o discurso de sua mãe, já que sua mãe, geralmente, ao contar histórias, utiliza expressões como esta.

Já na frase “Tá eu vou te contar, mas fique quietinha”, além de acontecer, novamente, essa evocação ao discurso maternal, ela afirma que vai contar a história, mas utiliza o operador argumentativo introdutor de ideia contrária: “mas”, para produzir uma condição: Ela só vai contar a história, mas com a condição de F. ficar quietinha, o que leva ao princípio argumentativo: ficar em silêncio para escutar a história, mobilizando, assim, a forma tópica: a história do Pinóquio acontecerá se houver silêncio.

Além disso, é possível perceber, novamente, a polifonia já que esse enunciado é, usualmente, utilizado por sua mãe e também por seu pai durante momentos de leitura, principalmente no período da noite, próximo de G. dormir.

### **Excerto 03**

*Situação:* Continuação do diálogo anterior

F. – Ai... tadinho do Pinóquio. Pinóquio não morreu nada.

G. – Morreu sim. Eu vi na minha história.

F. – Tu viu na tua história?

G. – Vi.

F. – Não viu nada.

G. – Vi sim.

F. – Ah, não viu nada.

G. – Vi sim.

F. – ((tosse)). Como que tu viu se não tá lá?

G. – Eu vi nas páginas dele.

Nesse excerto, G. tem a intencionalidade de fazer F. acreditar que Pinóquio realmente morreu na história, por isso ela utiliza, inconscientemente, estratégias argumentativas para tal.

Primeiramente, no momento que a G. afirma: “Morreu sim. Eu vi na minha história”, ela utiliza a autoridade polifônica, proposta pela Teoria da Polifonia, afirmando que o que disse está expresso “na minha história”, já que o livro pode ser considerado a autoridade polifônica, nessa situação.

Posteriormente, ao ser questionada “Como que tu viu se não tá lá?, ela reitera que o que ela afirmou está nas páginas do livro, visto que o livro seria a principal prova para argumentar que o que ela falou é verdade ou não.

#### **Excerto 04 (4;1 anos)**

*Situação:* No dia 9 de outubro de 2010, G. está no quarto de F. querendo mexer em tudo e a sua mãe quer levá-la para o banho.

- G. – Ah, deixa,deixa, deixa!!! ((Nesse momento ela pede com tom de suplica, para mexer na bolsa da F.))  
 F. – Não!  
 G. - Deixa! Ah, só um pouquinho!  
 F. – Não!  
 F. - Se não eu não vou te dar o presente.  
 G. Nanda, você vai desistir?  
 F. Vô!  
 G ((G. cantando e pulando)).  
 F. Tu vai cair, vai te machucar!  
 M. Vou levar ela pro banho ((M. fala p. F, que irá levar G. para o banho))  
 G. MAMÃE eu tomei mamá, não lembra?  
 F. Mas agora já dá pra ti ir pro banho, já tá na hora.

Nesse discurso, pode-se notar, primeiramente, a intenção de G. em mexer na bolsa da F., percebe-se que para convencer F., G. utiliza, novamente, a expressão “pouquinho”, e enfatiza isso, usando o operador argumentativo “só”, para expressar uma ideia de espaço curto de tempo.

Percebe-se neste excerto também que G. tem a intenção de convencer sua mãe a não ir para o banho e para tanto, busca estratégias argumentativas para atingir seu objetivo.

Então, na próxima pauta da conversa, M. quer levar G. para o banho, mas G. não quer. Para que sua intencionalidade se concretize, que é não ir pro banho naquele momento, ela utiliza, simultaneamente, duas estratégias argumentativas.

Primeiramente, ela, ao afirmar “MAMÃE eu tomei mamá, não lembra?”, utiliza princípios argumentativos de universalidade: quem está com o estômago cheio não pode tomar banho, pois faz mal. Ao mesmo tempo, ela usa uma entonação de voz altiva, para que seu discurso soe com certa autoridade, pois, para ela, não é hora de ir para o banho.



Além disso, ao utilizar essa expressão “MAMÃE eu tomei mamá, não lembra?”, ela utiliza, novamente, a polifonia, já que ela está, de certo modo, apropriando-se da fala de sua mãe. É possível sugerir essa apropriação, pois isso é um enunciado que sua mãe sempre profere: Não pode tomar banho com o estomago cheio.

Portanto, nota-se nesse excerto duas intencionalidades da menina, que a levaram, talvez inconscientemente, a construir estratégias argumentativas para cada situação: primeiramente, com o uso de operador argumentativo e atenuador “pouquinho”; posteriormente com o uso de princípios argumentativos universais e a entonação de sua voz.

### **Excerto 05 (4;2 anos)**

*Situação:* Dia 31 de outubro de 2010, véspera de dia de finados, F. estava ensinando para G. algumas palavras em inglês, quando se iniciou a conversa sobre a morte do avô<sup>12</sup>.

- F. –Mas diz pra Nanda, por que que a mamãe não pode:: não pode deixar flor lá no vovô Julio?  
 G. –Vovô Julio é o pai do meu pai!  
 F. –É verdade..mas por que que [...] não deixa mamãe dar, deixa::r a flor pro vovô Julio?  
 G. –Ele morreu! Nanda!  
 F. –Então a gente deixa florzinha lá no túmulo dele, lá:: no cemitério.  
 G. – Ele foi pra lá pro céu!  
 F. –Como que tu sabe?  
 G. – Porque ele morreu!  
 F. –hummm, Quem é que te contou?  
 G. –Meu pai.  
 F. –Hummm  
 G. –Ele morreu.  
 F. –Ele morreu, isso mesmo.  
 G. –E foi enterrado, Nanda.  
 F. – É verdade.  
 G. –Muito bem enterrado.  
 F. – Tadinho do vovô, né?  
 G. –É...  
 G. –Eu tô com saudade do vovô Julio, Nanda.  
 F. – É...  
 G. –Hamm... que pena que o vovô Julio não vem mais (pausa longa). Vovô Julio não gosta, hummm... Nanda, Vovô Julio não gosta de flores.  
 F. –Não? Então não é pra levar flores lá no cemitério?  
 G. –hum... hum... não.  
 G. – Eu gosto de flores, Nanda!

<sup>12</sup> Nota: G. não conheceu seu avô, já que ele faleceu há cerca de vinte anos.

É possível observar nesse excerto que a partir da intenção de G. (que é convencer a sua mãe não levar flores para o vovô Júlio), ela traçou algumas estratégias em seu discurso, para "comprovar" a falta de necessidade de fazer isso.

Primeiramente, ao ser questionada sobre o fato de ela não querer que a sua mãe leve flores para seu avô, ela responde que "ele morreu", o que traz à tona princípios argumentativos universais, do ponto de vista da menina: o fato do avô estar morto o impede receber flores. No seu discurso ela ainda reitera que ele foi "muito bem enterrado", para ressaltar que não há necessidade de "presenteá-lo" com flores.

Com isso, sua irmã (F.) afirma: "então a gente deixa florzinha lá no túmulo dele, lá: no cemitério.". Neste momento G. rebate: "ele foi pra lá pro céu!", enfatizando, assim, que não há por que sua mãe deixar flores no cemitério, pois seu avô não está lá. Assim, a menina ressalta o princípio argumentativo de universalidade: pessoas morrem e vão para o céu.

Torna-se relevante ressaltar que a construção desse princípio, possivelmente, tenha sido construído através do discurso que ela ouve, tanto em sua casa, quanto na igreja a qual seus pais pertencem. Através desses discursos, ela pode ter compreendido que a pessoa ao morrer é enterrada, logo ela vai para o céu; portanto, não vai estar presente para receber as flores.

Além disso, no momento em que G. afirma "Ele foi pra lá pro céu" ela utilizou o princípio argumentativo de generalidade, pois pessoas morrem e vão para o céu. Além de refletir a polifonia, pois ela traz à tona o enunciado que ela ouve em sua casa e na igreja, o que reflete, conseqüentemente, o caráter ideológico no seu enunciado.

Por último, a menina talvez revele uma intencionalidade: ganhar flores. Desse modo, ela usa da afirmação "vovô Júlio não gosta de flores", para reiterar que o vovô Júlio além de não ter condição de receber as flores (por estar no céu), também não gosta de flores, para assim excluir qualquer possibilidade de sua mãe levar as flores para o cemitério.

Logo, ela utiliza uma comparação, para talvez exprimir seu desejo de ganhar flores: "Eu gosto de flores, Nanda!", pois posteriormente já havia afirmado que vovô não gosta de flores. Assim, a afirmação "eu gosto de flores", pode revelar o seu desejo de ganhar aquelas flores que seriam destinadas ao seu avô.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> É relevante ressaltar que, no momento que a mãe de G. mostrou as flores para ela, G. mostrou muita alegria ao pensar que as flores seriam para ela, entretanto no momento em que soube que as flores estavam destinadas a seu avô, ela ficou triste.

### Excerto 06 (4;3 anos)

*Situação:* no dia 5 de novembro de 2010, G. quer que F. faça um desenho para ela e, para isso, G. diz a F. que tal desenho é para uma carta que ela está escrevendo para o museu.<sup>14</sup>

G. – Não dá pra tu pintar um pouquinho pra mim?

F. – Por quê?

G. – Porque eu não consigo escrever... carteiro, é mais fácil você escrever outro, é pro museu, essa pintura é 12 mil 12, é para você pintar, é para você escrever.

F. – Por que eu vou escrever?

G. - Pro museu, é para um museu, Nanda. Tão importante.

F. – Tão importante? Por isso que eu tenho que desenhar? Ta... e eu tenho que escrever o quê?

É possível observar nesse excerto que a partir da intenção de G. (que é convencer F. a escrever uma carta para o museu), foram traçadas, novamente, algumas estratégias em seu discurso, a fim de atingir o seu objetivo.

É importante salientar que poucos minutos antes da gravação desse diálogo, F. havia perguntado o que havia acontecido com aquele desenho que G. queria enviar para o museu, mas ela já não lembrava mais onde o havia deixado, com isso G. correu para seu quarto e pegou seus materiais de pintura e voltou ao encontro de F.

Primeiramente, G. inicia seu discurso com uma pergunta direta, a fim de saber se F. estava interessada em pintar; dessa forma, F. questiona o porquê disso.

Nesse momento, G. lança uma série de argumentos: “Porque eu não consigo escrever... carteiro é mais fácil você escrever outro, é pro museu, essa pintura é 12 mil 12, é pra você pintar, é pra você escrever”. Portanto, torna-se relevante explicar por partes esse trecho:

Na primeira parte desse trecho, ela troca o termo “pintar” que é uma prática habitual da infância na sua faixa etária, para o termo escrever, “porque eu não consigo escrever”, utilizando o princípio argumentativo de generalidade, pois o fato de uma pessoa não saber escrever, genericamente, está impossibilitado de redigir/escrever algo.

Na segunda parte do trecho, “é mais fácil você escrever outro”, mostra, de certa forma, uma conclusão, através de duas ideias opostas, bem como o uso do princípio argumentativo de gradualidade: eu não sei escrever, logo eu não consigo escrever(-), mas, para quem sabe quem sabe escrever (F.), é mais fácil(+).

---

<sup>14</sup> Cabe ressaltar aqui que a carta para o museu é apenas uma criação da imaginação de G., pois ela não escreveu carta ao museu.

Logo, ela afirma: “essa pintura é 12 mil 12”. No momento em que ela traz isso, talvez deseje mostrar a importância ou o grande tamanho desse trabalho, já que ela sabe que a palavra “mil” simboliza um número muito grande, reiterando, de modo implícito, que é algo mais fácil para um adulto fazer.

Na última parte desse enunciado, ela afirma: “é para você pintar, é para você escrever”, nota-se aqui que ela utiliza um tom imperativo, para, de certo modo, impulsionar F. a escrever. Nessa parte, provavelmente, ela utilizou polifonia, já que G. utilizou um enunciado semelhante ao que sua mãe diz, quando deseja que ela faça algo.

A seguir, F. a questiona, novamente, a fim de saber o porquê G. quer que ela escreva. Com isso, G. revela a sua intencionalidade, retomando a necessidade de escrever para o museu: “Pro museu, é para um museu, Nanda. Tão importante”, assim, pode-se notar que G. quer mostrar que a carta é para um lugar especial, o “museu”, e reforça essa ideia através da repetição da palavra “museu”, bem como no uso da palavra “tão”, assim, enfatizando o quão importante será escrever essa carta.

### **Excerto 07 (4;5 anos)**

*Situação:* No dia 14 de janeiro de 2010, antes de lanchar, G. conversa com F. sobre seu desejo de ter um gatinho.

F. – Tu vai cuidar?

G. – Vou.

F. – Tu vai limpar o xixi, vai dar comidinha?

G. – Vou, vou e vou. Tudo sim, vou fazer tudinho, se eles quiserem.

F. – É?

G. – É, mas eu vou ter que ter uma ajudante.

F. – Quem vai ser a tua ajudante?

G. – Você.

F. – Eu?!

G. – É.

F. – Eu tua ajudante?

G. – Aham.

F. – Por quê?

G. – Porque ninguém pode fazer nada sozinho.

F. – hã, quem te disse isso?

G. – Meu pai.

F. – E tu quer que eu te ajude?

G. – A fazer a casinha de gato.

F. – Ahh.

G. – É, tu vai me ajudar agora?

F. – Ahh.... ahh...

G. – Por favo::r, por favo::r, por favo::r. ((nesse momento estava em tom e posição de súplica))

F. – Ahh...

G. - Por favor, por favor, por favor.

F. – Ah, tu tá sendo tão educadinha...

G. - Por favor, por favor, aain, por favor...

- F. – Tá bom, tá bom, tá bom, eu te ajudo a cuidar a gatinha.  
 G. – Mas também você tá dizendo que vai me ajudar a fazer a casinha de gatinho.  
 F. – Ah não, a casinha de gatinho é contigo. Tu que faz.  
 G. – Você vai ter que me ajudar, por favor, por favor.  
 F. – Ai ai ai.  
 G. – Ah, por favor. Vamos cobrir ela com papel com tinta. Quando a gente cobrir com todo o papel na casinha, ((inaudível)) pintura, vai ficar assim. E eu vou fazer uns top na minha gatinha. Não vai ser gato.  
 F; – Ah... não, mas eu só ajudo a cuidar do gatinho. Fazer a casinha tu faz. Tá bom?  
 G. – Mas nada é feito se ninguém me ajudar.  
 F. – Nada feito se ninguém te ajudar?  
 G. – Não.  
 F. – Tá bom, eu te ajudo.  
 G. – Mas a gente vai ter que usar a tinta fora daqui, a minha mãe disse. Então vamos fazer onde? Lá na mesa da sala de janta, eu acho.  
 F. – Ah, é? Tá bom.  
 G. – Então vamos lá? ((F. estava sentada em uma cadeira))  
 F. – Vamos lá.  
 G. – Levanta.  
 F. – Eu tô com preguiça.  
 G. – Nanda, você vai sentar no banco lá da sala de janta, então vamos.

Nesse excerto, há diversas afirmações de G. que serão de grande pertinência para este estudo. Dessa forma, será feita uma análise detalhada das principais partes desse discurso.

Primeiramente, G. ao ser questionada se iria cuidar do gatinho que iria ganhar, responde: "Vou, vou e vou, tudo sim, vou fazer tudinho, se eles quiserem", pode-se perceber que a palavra "tudinho", nesse contexto serve como um modificador, visto que altera o sentido da palavra "tudo", já que provoca um maior comprometimento afetivo do enunciador perante a sua asserção. Além disso, é possível perceber o uso de condicional, já que ela irá fazer "tudinho" para o gatinho, se eles deixarem (infere-se aqui que esse "eles" diz respeito aos seus pais).

Logo, ela afirma: "É, mas eu vou ter que ter uma ajudante". Com isso, nota-se uma intencionalidade: convencer F. a ser sua ajudante. Dessa forma, percebe-se que, a fim de atingir seu objetivo, G. utiliza, novamente, o discurso condicional, pois ela afirma que cuidará dos gatinhos, "se" ela tiver uma ajudante. Dessa forma, ela expressa uma condição para a realização da primeira ação afirmada (cuidar do gatinho), condicionando, assim, F. a ajudar a cuidar do gato. Ao mesmo tempo, cabe ressaltar que, com o uso do operador argumentativo "mas", também é possível ver uma "estratégia de suspense" utilizada por G.

Assim, no momento em que G. questiona "É, tu vai me ajudar agora?", não obtendo uma resposta precisa, volta a utilizar o recurso de repetição e modifica a entonação em sua voz, por meio do prolongamento da vogal "o" (por favo::r), a fim de convencer F. a ajudá-la agora, através de um tom, que soa, certo modo, comovente.

Ao prosseguir com o diálogo, F. aceita seu pedido e afirma que vai ajudar nos pratos com a gatinha. Ao saber que poderia contar com a ajuda, G. revela outra intencionalidade: convencer F. a ajudá-la, também, a confeccionar a casinha de gato. Para isso, ela traça, inconscientemente, algumas estratégias argumentativas.

Isso é notável, primeiramente, na fala: “Mas também você tá dizendo que vai me ajudar a fazer a casinha de gatinho”. Nota-se que G. utiliza o operador argumentativo de contraposição “mas”, introduzindo, assim, a ideia que F. não vai apenas ajudar a cuidar o gatinho, mas também ajudará na confecção de sua casinha. Torna-se relevante ressaltar a primeira parte dessa fala de G.: “Mas também você tá dizendo que..”, revela uma estratégia argumentativa, utilizando, de certa forma, o condicional, visto que se F. aceitou fazer a ação 1 (ajudar a cuidar do gato), ela, também se condicionou a desempenhar a ação 2 (ajudar na construção da casa do gato).

Outra fala importante de ser destacada aqui é “Você vai ter que me ajudar, por favor, por favor”, em que G. procura convencer F., primeiramente, utilizando uma certa “imposição” (Você vai ter que). Essa foi imediatamente “atenuada”, através da repetição<sup>15</sup> da palavra “por favor”. Vale apontar que a palavra “por favor” aqui, pode servir, então, como um modificador, já que amenizou as palavras de imposições, proferidas anteriormente.

No momento em que F. afirma que só ajudará a cuidar do gatinho, G, afirma: “Mas nada é feito se ninguém me ajudar<sup>16</sup>”, apresenta, mais uma vez, o uso de um discurso condicional, uma vez que ela afirma que: se ninguém a ajudar, nada será feito (referindo-se a casa do gato). Desse modo, é relevante reiterar que a utilização de condicionais está intimamente ligada ao caráter ideológico da língua, pois G. mostra em seu diálogo as ideologias já construídas e apreendidas ao longo de sua vida.

Após F. aceitar construir a casa do gato, G. então almeja iniciar as atividades. Para isso ela afirma: “Mas a gente vai ter que usar a tinta fora daqui, a minha mãe disse. Então vamos fazer onde? Lá na mesa da sala de janta, eu acho”. Nesse trecho ela utiliza polifonia, de forma direta, afirmando que sua mãe não disse que poderia brincar com tinta naquele lugar e sugere um outro ambiente para tal atividade. Assim, ela utiliza polifonia ao se apropriar da fala de sua mãe, mas demonstra uma certa incerteza, que é expressada no “eu acho”

Entretanto, ao verificar que F. está com preguiça de dirigir-se a outro local, ela afirma: “Nanda, você vai sentar no banco lá da sala de janta, então vamos”. Nesse trecho, pode-se observar que G. utilizou princípios argumentativos de generalidade, pois ao ver que F. está

<sup>15</sup> Importante ressaltar que essa repetição também serve como estratégia argumentativa.

<sup>16</sup> Torna-se interessante ressaltar o uso desse enunciado, exatamente em um momento tão apropriado.

com preguiça, ela, de certa forma, generalizou, que quem está com preguiça, prefere estar/continuar sentado, então, ela oferece outro lugar para F. sentar, mas em um lugar em que F. possa ajudá-la.

### **Excerto 08**

*Situação:* No dia 2 de fevereiro de 2011, após G. brincar no pátio de sua casa, na terra, F. e G. conversam.

((G. conta para F. que havia um caracol na terra))

G.- Levei um caracol para a casa dele.

F.-Um caracol pra casa dele? Onde é que tem caracol, Giovana?

G.- Tava na terra e eu vou ter que, eu botei.. ((imprecisão))

F. – Tu não mexeu no caracol, né?

G. – Não.

F. – Não, né?

G. – Não.

F. – Não pode.

G. – Se não ele queima.

F. – Ele queima e tua mãozinha fica toda suja. Sabia?

G. – E tem que lavar com sabão.

F. – Muito, muito, muito sabão. Não pode tocar. Tem muitos germes. Tu gosta?

G. - Gosto.

F. – Gosta de germes?! Mas faz mal pra saúde.

G. - Eu tenho que lavar as mãos agora.

F. – Ah, é? Que nojo! Giovana!

Embora esse diálogo seja simples e, aparentemente, não aponte nenhum argumento por parte da menina, há sim vários indícios de argumentação no seu discurso, o que confirma que a argumentação está inserida na língua e essa é carregada de ideologia.

Inicialmente, no momento que F. questiona G. se ela havia tocado no caracol, ela responde que não e, então F. reitera que não se pode mexer em caracóis. Nesse momento, G afirma: “se não ele queima”, o que, inconscientemente, é uma argumentação que a menina fez: em primeiro lugar, pelo fato de ela utilizar um princípio argumentativo de generalidade, visto que generalizou que ao tocar em coisas perigosas, pode-se gerar uma queimadura, semelhante ao fato que ocorreu dias antes, em que ela havia queimado o dedo indicador ao tocar no fogão.

Além do uso de princípios argumentativos, G. usa, novamente, frases condicionais, já que no momento que F. afirmou que não pode tocar em caracóis, ela completa a frase afirmando: se não ele queima. Nesse momento, portanto, ela introduz uma condição: não pode

tocar no caracol, se não ele queima. Assim, a condição do caracol queimar é se alguém tocar nele, ou por outra perspectiva, a condição da G. se queimar é ela tocar no caracol.

Percebe-se com isso, o caráter ideológico da língua, pois G. mostrou sua ideologia tanto ao que tange em tocar coisas perigosas, como também o modo de expressar-se diante das situações, visto que, de modo inconsciente, G. utilizou polifonia, trazendo para seu discurso estruturas, como a condicional, utilizadas por sua mãe.

Logo, F. afirma que, ao tocar em caracóis, além de queimar, também suja a mão. Ao mesmo instante, G. reitera “e tem que lavar com sabão”. Com essa expressão, nota-se que G. acha uma solução para o caso das “mãos sujas”, utilizando para isso, o princípio argumentativo de universalidade: é preciso lavar as mãos quando estiverem sujas. Com isso, compreende-se que G. utiliza esse princípio a fim de argumentar que se suas mãos estiverem sujas (por tocar no caracol), será preciso lavá-las com sabão, apenas. Além disso, nessa expressão, pode-se notar o comprometimento com seus valores ideológicos.

Nos últimos enunciados há uma confirmação (implícita) de que os argumentos acima elencados foram introduzidos devido à menina ter tocado no caracol. Em primeiro lugar, percebe-se que no momento em que F. afirma que há germes nos caracóis, G. diz que gosta. Essa afirmação pode ser vista como um argumento para se defender do fato dela ter tocado no caracol

Logo, no instante que descobre que germes são ruins, imediatamente decide ir lavar as mãos. O que fica de certo modo implícito é que a menina realmente tocou no caracol e, portanto, os argumentos acima citados serviram de estratégias argumentativas para cumprir com sua intencionalidade.

### **Excerto 09 (4;8 anos)**

*Situação:* No dia 6 de abril de 2011, F. está no seu quarto corrigindo algumas provas e G. se aproxima. Ao ver que F. possui muitos papéis em sua volta, G. deseja, então, desenhar.

G. – Nanda, você tem uma folha de papel pra eu pintar e uma caneta?

F. – Não, isso aqui são provas.

G. – Eu vou tentar fazer um gatinho, Nanda. Eu vou tentar, Nanda. É verdade.

F. – Hehehe, não tô dizendo que é mentira.

G. – Ah... então, eu quero fazer um relógio. Tá brincando comigo?

F. – Eu brincando? Por quê?

G. – Porque você disse que tá brincando::, cuti, cuti, cuti. ((G. toca em F., fazendo carinho em seu rosto))

F. – Ah, é cosquinha? Não, a Nanda não tem folha de papel aqui, só de prova.

G. – Tá, eu faço a prova.

F. – Nem pensar!

G. – Eu faço a prova, Nanda.



F. – Não.

G. – Ah... eu faço a prova pra você. Eu faço... eu faço o relógio com o gatinho com os ponteiros e os números, Nanda. Olha.

Nesse excerto, é possível perceber a intencionalidade de G. logo no início do diálogo: ela deseja que F. ceda-lhe materiais para que possa desenhar. Quando F. nega o seu pedido, afirmando que ali são provas, G. rebate dizendo: “Eu vou tentar fazer um gatinho, Nanda. Eu vou tentar, Nanda. É verdade”. É fundamental ressaltar aqui que na prova que ela avistou havia o desenho de um gato.

Com isso, é possível perceber a estratégia argumentativa de G., pois ao afirmar que tentará desenhar um gato, ela quer mostrar que é capaz de fazer tal atividade proposta na prova e, portanto, é capaz de receber tal folha para pintar, satisfazendo, assim, sua intencionalidade. É necessário perceber ainda a questão da repetição do “eu vou tentar”, servindo para enfatizar o desejo de G em tentar desenhar o gatinho, reiterando com a expressão: “é verdade”, para demonstrar que realmente ela tentará desenhar o gatinho.

Ao ver que a resposta de F. não foi positiva, ela utiliza o operador argumentativo “então” para introduzir uma negociação, demonstrando agora, um desejo de desenhar um relógio. Entretanto, no momento em que F. reforça “Não, a Nanda não tem folha de papel aqui, só de prova”, G. se propõe a fazer a prova e, ao ver que sua negociação está falhando, ela diz: “Ah eu faço a prova pra você. Eu faço... eu faço o relógio com o gatinho com os ponteiros e os números, Nanda. Olha”, repetindo que deseja fazer uma prova e, utiliza, como estratégias argumentativas, exemplificações de desenhos que ela pode desenvolver na prova, de acordo com o que ela estava percebendo nas provas que F. estava corrigindo.

Dessa forma, nota-se que G., quando deseja algo, utiliza diversos recursos linguísticos para atingir tal meta, seja por meio de exemplificações, repetições, uso de condicionais, polifonias, princípios argumentativos ou até mesmo através de expressões imperativas.

Além disso, percebe-se nos enunciados “Tá brincando comigo?” e “Nanda, olha” que G. procura manter um vínculo de interação com F., e ela usa essas expressões, para, talvez, chamar a atenção de F. para a conversa .

### **Excerto 10 (4;9 anos)**

*Situação:* No dia 10 de abril de 2011, G. e F. estão na casa de sua avó (V.) e, G. ao ver que sua avó não quer ir à Igreja, procura convencê-la a ir.

((V. diz que não vai ir à igreja, pois está com dores na sua coluna)).

G. – Vovó, você tem que ir lá na igreja, senão:: o Jesus do céu não vai te abençoar. Você tem que ir logo.

F. – Vai tá bom lá? Giovana, vai tá bom na igreja?

G. – Vai, vai tá bom. E Jesus do céu vai tá lá, você pode brincar, sem falar. Se falar tem que falar baixinho, senão o Jesus do céu não te abençoa.

F. – ((risos)).

V. – Ela explica bem explicado.

F. – Ah, ela explica bem explicadinho.

G. – Você tem que obedecer.

F. – Obedecer o que Giovana?

G. – A Jesus. Tem que ir lá pra igreja logo, se não Jesus não te obedece.... se não Jesus... não...

F. – Abençoa.

G. – Não abençoa.

Através desse excerto, é possível perceber vários aspectos importantes de serem destacados aqui, visto que nessa conversa G. tem, como intencionalidade, convencer sua avó a ir à igreja.

Logo na primeira frase: Vovó, você tem que ir lá na igreja, senão:: o Jesus do céu não vai te abençoar. Você tem que ir logo”, além de haver, novamente, o uso do condicional, é possível encontrar polifonia e princípios argumentativos de universalidade, além de ser um enunciado carregado de valores ideológicos.

Quanto à condicionalidade, ela está demarcada pelo “se” e, nessa frase, torna-se perceptível que: *se* a vovó não for na igreja, Jesus do céu não vai abençoá-la, isto é, o fato de Jesus abençoar está condicionado ao fato de ela ir à igreja. Através disso, sugere-se aqui que com intuito de convencer sua avó ir à igreja, G. utiliza as mesmas expressões que são utilizadas naquele ambiente.

Com isso, percebe-se que ao tentar convencer, ela está expressando sua ideologia, visto que a menina está inserida dentro desse contexto religioso<sup>17</sup>, ao mesmo tempo em que há polifonia, já que ela traz para seu discurso outras vozes. É relevante ressaltar que essa afirmação surge devido ao estudo de Lima (2002), na qual ela traça uma análise acerca dessa condicionalidade, dentro do discurso religioso. Segundo a autora:

Esse sujeito faz uso, em seu discurso, de construções condicionais, as quais permitem que tenha um maior domínio sobre o interlocutor, dada sua força argumentativa e, ainda, persuasiva, ou seja, pelo fato de, nas condicionais, ser possível simular a aceitação da formação discursiva do interlocutor quando esta se opõe à sua e assim fazer com que este, sentindo-se livre, aceite suas palavras, o que sinaliza o início de uma entrega voluntária à coerção. (p.153)

<sup>17</sup> Ressalta-se aqui que esse ambiente é evangélico.

Assim, percebe-se o caráter argumentativo que essas construções condicionais carregam e, portanto, ao observar uma menina de quatro anos de idade utilizando esse recurso, é possível confirmar, dessa forma, o caráter ideológico da língua, logo, isso reflete na argumentação, visto que a ideologia, segundo a perspectiva aqui abordada, está inserida na língua.

Ainda nesse enunciado é possível constatar uma polifonia, visto que a menina carrega nesse discurso o que ela costuma escutar tanto na igreja como em sua casa: que é preciso ir à igreja para Jesus abençoar. Do mesmo modo, ela utiliza o princípio argumentativo de universalidade, já que o *topos* é partilhado pela comunidade linguística à qual pertencem G. e sua avó. Quando G. fala “você tem que ir logo”, observa-se que, para atingir seu objetivo, ela ainda busca impor a necessidade de sua avó ir logo para igreja, através da expressão “você tem”.

No momento em que G. fala: “Vai, vai tá bom. E Jesus do céu vai tá lá, você pode brincar, sem falar. Se falar tem que falar baixinho, se não o Jesus do céu não te abençoa”, percebe-se que a fim de convencer, além de afirmar que “Jesus do céu” vai estar lá, ela busca exemplificação para mostrar que lá “vai tá bom”. Além disso, ela traz, novamente, construções condicionais, visto que se falar, é preciso falar baixinho, pois se falar alto Jesus não abençoa, ou seja, o fato de Jesus abençoar, está condicionado ao ato de se falar, falar baixo. É possível perceber ainda, o caráter ideológico e a polifonia existente no discurso da menina, pois ele reflete o discurso (religioso) do ambiente em que ela está inserida.

Após, G. ainda reitera: “Você tem que obedecer”, utilizando novamente o tom imperativo. Ao ser questionada, sobre “Obedecer o quê?”, G. responde “A Jesus. Tem que ir lá pra igreja logo, se não Jesus não te obedece.... se não Jesus... não...”, ao ver que G. não conseguia lembrar da palavra, F. arriscou falar “abençoa” e G. “não te abençoa”. Nesse excerto, outra vez, ela traz o condicional: é preciso obedecer a Jesus, se não ele não te abençoa, assim, o fato de Jesus abençoar está condicionado ao fato da pessoa obedecer. Ou seja, ela utiliza construções condicionais a fim de argumentar acerca do que é preciso fazer para Jesus abençoar. Além disso, é possível perceber o caráter ideológico e a polifonia inserida, novamente, nesse excerto.

Com essa breve análise, pode-se, então, confirmar o pressuposto teórico desse trabalho, na qual acredita que a argumentação está inserida na língua e essa, por sua vez, é repleta de intencionalidade e ideologia, visto que G., uma menina de apenas 4 anos de idade, já reflete em seu discurso suas crenças e verdades e as utiliza, inconscientemente, até mesmo em sua forma de argumentar sobre algo.

### Excerto 11 (4;9 anos)

*Situação:* no dia 3 de maio de 2011, G. está em seu quarto, brincando com parafusos de uma gaveta de sua cômoda que estragou, logo F. se aproxima e as duas começam a brincar de restaurante.

#### Excerto 11 Parte 01/03:

((G. alcança um prato, de brinquedo, para F., e nele há alguns parafusos)).

G. – Tem que comer de mentirinha.

F. – Por quê?

G. – Porque isso é da gaveta estragada, esse parafuso.

F. – É o que?

G. – Não devia ter estragado esses parafusos e essas coisa.

F. – E o que tu queria falar com a Nanda?

G. – Não PODE comer parafuso ou engrenagem.

F. – ((risos)) o que que acontece?

G. – A gente fica..., tem que ir pro céu.

F. – Hum, entendi então não pode. Tem que comer direitinho. Tá bom? Tá bo::a essa comidinha...

Nesse diálogo há diversos recursos utilizados por G. que estão passíveis de análise, visto que através de uma mera brincadeira, ela lança mão, de forma inconsciente, de princípios argumentativos, condicionais e polifonia, a fim de argumentar acerca de algo.

É possível perceber, logo na primeira parte, que G. possui a intencionalidade de mostrar a F. que a “comidinha” é de mentira, por isso, para justificar o porquê que F. precisa comer de mentirinha, ela afirma: “Porque isso é da gaveta estragada, esse parafuso”. Ressalta-se aqui que, ao utilizar a palavra “porque”, G. utiliza um operador argumentativo que introduz uma ideia de justificativa. Portanto, nota-se que ela utiliza princípios argumentativos de universalidade, já que o fato da “comidinha” ser feita de parafusos que ela retirou de uma gaveta estragada<sup>18</sup>, torna-se esse é um *topos* partilhado pela comunidade linguística à qual elas pertencem.

No momento em que G. fala “G. – Não devia ter estragado esses parafusos e essas coisa”, ela traz, de modo indireto, a voz de seus pais, já que ela estragou a gaveta e eles haviam falado que ela não poderia tê-la estragado. Logo, ela retoma sua argumentação, “Não PODE comer parafuso ou engrenagem”, impondo, de modo imperativo, que não se deve

<sup>18</sup> Conforme ela afirma em: “Porque isso é da gaveta estragada, esse parafuso”, é relevante informar que foi a própria G. que estragou a tal gaveta.

comer parafusos. Nota-se aqui a polifonia, a fim de convencer sua irmã acerca do porquê que não se deve comer aquela “comidinha”, pois ela traz o discurso de seus pais, no mesmo tom imperativo. É importante ressaltar que no momento em que ela falou “pode”, o faz em tom de voz elevado, mas esse aspecto, infelizmente, não é pauta dessa pesquisa.

Assim, ao ser questionada acerca do que acontece se comer a “comidinha de mentirinha” de verdade, G. responde: “A gente fica... tem que ir pro céu”. Nessa afirmação de G., pode-se perceber que para convencer sua irmã, ela traz, novamente, sua ideologia, pois ela acredita que, ao comer algum parafuso, haverá, como consequência, a ida para o céu, além da polifonia, já que traz a voz do discurso religioso de seus pais e da Igreja, na qual pertencem.

De forma semelhante, observa-se que G. utiliza, novamente, o princípio argumentativo de generalidade, já que o *topos* é válido, além dessa situação (ao comer um parafuso, você pode “ir para o céu”), como para um grande número de situações análogas (ao comer coisas perigosas, como o parafuso, você pode morrer). Além disso, naquele enunciado é perceptível a polifonia no seu enunciado, já que ela traz para seu discurso, implicitamente, enunciadores como sua mãe e seu pai.

#### EXCERTO 11 PARTE 02/03

G. – Ah. Quer mais?  
 F. – Quero. Que que tu tem?  
 G. – Ahm espaguete.  
 F. – Ah, mas isso é ruim.  
 G. – Hum. Caldinho?  
 F. – Ah, mas isso é ruim.  
 G. – Caldinho de feijão.  
 F. – Ah, mas é ruim.  
 G. – É gostoso e eu já provei um dia.  
 F. – Tu já provou um dia ((risos)).  
 F. – Ah, então se tu já provou um dia eu quero um pouquinho.  
 F. – Huum... delicioso!  
 G. - E você quer arroz?  
 F. – Não.  
 G. - É delicioso também, eu já provei um dia também, pô.  
 F. - Já provou um dia também (risos).  
 G. - Arroz com feijão coado.  
 F. - Ahh, eu comi tudinho!  
 G. -Que bom!  
 G.- Tem que provar... Bá! Tudo ficou vazio!

Ao prosseguir com a brincadeira de restaurante, G. questiona se F. quer mais “comidinha”. No momento em que G. pergunta se F. quer “caldinho” e essa responde negativamente, G. reforça: “caldinho de feijão”, nesse momento é possível inferir que ela

acrescenta que o caldinho é de feijão, utilizando a locução adjetiva “de feijão” para especificar/determinar o tipo de caldinho, como forma de estratégia argumentativa, pois sabe que F. (seu interlocutor) gosta de feijão.

Portanto, assim como a maioria dos excertos já analisados, percebe-se que G. reorienta argumentativamente o seu dizer, a fim de conseguir a adesão de F. ao seu enunciado. Entretanto, F. diz “Ah, mas é ruim”, o que quebra, de novo, seu argumento.

Dessa forma, G. reorganiza seu discurso e afirma: “É gostoso e eu já provei um dia”, para assim reforçar seu argumento, reiterando que é gostoso e que ela (talvez como proprietária do restaurante ou talvez se apropriando do discurso de sua mãe), já havia provado um dia. Desse modo, talvez, ela esteja buscando a autoridade polifônica de *chef* do restaurante ou até mesmo de sua mãe, já que (provavelmente) sua mãe a fez provar um dia.

Logo, ao perceber que a estratégia argumentativa anterior surtiu resultado, ela utiliza a mesma estratégia para outro fim, o de oferecer arroz, como é possível ver: “É delicioso também, eu já provei um dia também, pô” e, ao ver que seu discurso não foi levado a sério, ela o reforça, afirmando que é arroz com feijão coado.

Nota-se que no momento em que ela opta por acrescentar feijão, ela utiliza como estratégia argumentativa um recurso que já havia surtido efeito, pois F. já havia aceitado anteriormente comer caldinho de feijão. É importante ressaltar que, para utilizar esse recurso, então, ela utiliza o operador argumentativo “também” a fim de retomar este enunciado.

Além disso, é importante destacar que ela utiliza o operador argumentativo “também”, a fim de acrescentar esse argumento novo. Para encerrar seu diálogo, ela utiliza mais uma vez o tom imperativo generalizador “tem que provar”, a fim de convencer F. a provar o arroz com caldo de feijão, o que traz ao discurso, novamente, a polifonia, já que essa expressão é típica da fala materna.

### **EXCERTO 11 PARTE 03/03**

((F. havia solicitado algo para beber, e G. havia afirmado que faria um suco))

F. - O que que é isso? ((perguntando sobre o suco)).

G. - Não pode tomar de verdade, só de mentira.

F. - Por que só pode comer de mentira?

G. - Porque se não ele vai lá pro dedão do pé, e tem que ir lá::: pro céu.

F. - A:::h tá bom, então agora mesmo vou tomar bem de longe.

Próximo do término da brincadeira, G. entrega para F. um pequeno pote com vários pregos e parafusos (também retirados da gaveta estragada), como forma de “simbolizar” um copo de suco, pois F. havia pedido algo para beber.

Ao ser questionada sobre o que era aquilo, G. responde: “Não pode tomar de verdade, só de mentira”, reforçando, assim como quando ela entregou a “comidinha”, que não pode ingerir nada, pois aquilo é de “mentira”. Ao ser questionada sobre o porquê de poder comer apenas de mentira, G. rapidamente responde que “Por que se não ele vai lá pro dedão do pé, e tem que ir lá::: pro céu”, utilizando, mais uma vez, a condicional “se”, com intuito de convencer, apresentando a causa-consequência: o fato de ir pro céu está condicionado ao fato de comer coisas que não são digeríveis (como parafusos, etc.).

Com isso, podemos ver, novamente, o caráter ideológico refletido no discurso e, conseqüentemente, na argumentação da menina, pois expressa tudo aquilo que ela acredita ser verdade, até mesmo, no momento de apresentar um argumento. Dessa forma, confirma-se o caráter ideológico da língua e, por conseguinte, no seu discurso argumentativo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, foi possível perceber que G., com apenas quatro anos de idade, argumenta, o que confirma, de forma efetiva, a hipótese inicial dessa pesquisa. Além disso, foi possível analisar diversas estratégias argumentativas presentes no discurso da menina, na qual foi revelado o forte uso da polifonia e de princípios argumentativos em seu discurso, demonstrando, assim, a forte influencia do discurso de sua mãe e do discurso religioso (contexto em que ela está inserida), no discurso da menina.

Na análise, foi possível constatar que G. posiciona-se e compromete-se com seus valores ideológicos, o que, deste modo, confirma que não há uma neutralidade nos discursos, ainda que seja uma “re-produção” de outrem.

Após essa análise, torna-se relevante refletir acerca da argumentação na infância. Com base em todo esse estudo, é possível perceber o quanto a argumentação está inserida no nosso dia-a-dia, e, na maioria das vezes, de modo inconsciente. Com essa pesquisa, percebemos ainda que essa argumentação está intimamente ligada à linguagem e à ideologia que o sujeito possui, desde seus primeiros anos de vida. Portanto, por ela estar ligada aos valores que o ser humano carrega, torna-se imprescindível estimulá-la desde cedo, para que assim, esse sujeito se torne um sujeito reflexivo e crítico.

No momento em que se aborda o tema “formação de sujeitos críticos e reflexivos”, torna-se relevante salientar que a Escola possui uma grande responsabilidade nesse processo de formação de sujeitos, e, embora o ensino não seja o enfoque dessa pesquisa, é importante deixar claro que o ensino formal que a Escola proporciona poderia ter um enfoque ainda maior nessa formação de sujeitos críticos, enfatizando ainda mais a argumentação desde as séries iniciais, para que assim o aluno saiba melhor se posicionar frente às mais diversas situações que a vida pode lhe proporcionar.

Acredita-se que, se a escola estimular desde cedo o uso de estratégias argumentativas, procurando, também, proporcionar um enfoque na argumentação oral, refletirá em uma potencialidade de argumentação, que, conseqüentemente, auxiliará o aluno a melhor expressar-se, posicionar-se perante o que lhe é imposto, aceitar como coerente (ou não) o que lhe é dito, além de possuir uma facilidade maior em se posicionar frente à diversas situações intra/extra escolar.



## 5.1 Confrontação Entre Objetivos Propostos e Atingidos

Primeiramente, cabe aqui confrontar os objetivos traçados e os objetivos atingidos. O que concerne ao objetivo geral, que correspondia a analisar as estratégias argumentativas de uma criança de quatro anos, crê-se que esse objetivo foi atingido, visto que foram analisados, de forma criteriosa os vários aspectos dos enunciados. Através dessa análise, pode-se constatar diversas estratégias argumentativas intrínsecas à sua fala.

Torna-se relevante ressaltar aqui que um aspecto despertou a atenção da pesquisadora foi o fato de a menina utilizar inúmeras vezes em seu discurso o uso de condicionais. Então, com base em estudos como o de Lima (2002), acerca do uso de estruturas condicionais em discursos religiosos, pensou-se na possibilidade de G. utilizar essa estrutura exatamente porque essa ideologia já foi assimilada por ela, visto que, desde cedo, ela frequenta cultos em uma Igreja Evangélica, que é considerada conservadora e, também, pelo fato de sua mãe pertencer a essa igreja.

Com essa ideia, portanto, confirma-se o pressuposto teórico aqui abordado, no qual afirma que a linguagem é a forma de ação sobre o mundo, repleta de intencionalidade e carregada de ideologia (KOCH, 2008) e, também a perspectiva da *Teoria da Argumentação na Língua*, a qual afirma que a argumentação está na língua. Desse modo, é possível construir um ciclo no qual a ideologia, a linguagem e argumentação estão interligadas.

No que se refere aos objetivos específicos, acredita-se que todos foram concluídos, satisfatoriamente, visto que neste trabalho foram transcritos os dados. Também foi possível discutir diversos pressupostos teóricos, para, então, efetivar a análise, refletindo acerca da argumentação e dos benefícios de estimular essa argumentação desde cedo.

## 5.2 Sugestões para Outros Estudos

Acredita-se que esse estudo poderá ser mais bem explorado se houver um enfoque maior ao que se refere à tonalidade da voz, pois muitas marcas na sua voz, que poderiam influenciar no resultado dessa pesquisa, não foram analisadas.

Além disso, outra sugestão para trabalho poderia ser o enfoque nas construções condicionais no discurso infantil, ou, até mesmo, um estudo mais aprofundado acerca da argumentação e os valores ideológicos na infância.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos*. Rio de Janeiro, 2002.

BICHIBICHI, Maria A. S. *A Argumentação em textos orais e escritos*. [200?]. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/420-4.pdf?PHPSESSID=2009050508271195>>. Acesso em: 16 setembro 2010.

CASTRO, Maria. F. P. de. A argumentação na impossível simetria do diálogo: a aquisição da linguagem em questão. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v.39, nº 3, p.37-46, setembro, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso, Maingueneau, Dominique*. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL RÉ, Alessandra.(Org).*Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DOLZ, J.; SCHENEWLY, B.. Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. 1997. Tradução: G. Sales. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, p.05-26, Maio/ agost. 1997.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n.1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

FARIA, E. M<sup>a</sup>. B. *A Linguagem Infantil e a capacidade de argumentação oral*. Paraíba. [200-]. Disponível em: < [http://www.cchla.ufpb.br/lafe/lafe\\_doc/a\\_linguagem\\_infantil.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/lafe/lafe_doc/a_linguagem_infantil.pdf)> Acesso em: 14 setembro 2010.

\_\_\_\_\_. *Interação e argumentação oral infantil: o esperado e o surpreendente dos movimentos discursivos*. Recife, UFPE, 2002.

FLORES et al. (orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação: uma introdução*. Contexto, 2005.

GIOVANI, Fabiana. *O argumentar na apropriação da escrita*. São Paulo, 2009.

GRIZE, Jean – Blaise. *De La logique à l'argumentation*. Gêneve- Paris: Librairi Droz, 1982, p. 37-48.

JUNIOR, Guanís de Barros Vilela. *A pesquisa Qualitativa*. [200-]. Disponível em: <[http://www.guanis.org/metodologia/a\\_pesquisa\\_qualitativa](http://www.guanis.org/metodologia/a_pesquisa_qualitativa)>. Acesso em: 09 novembro 2010

KREUTZ, Roque Amadeu. *Aspectos de produção do texto argumentativo*. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos\\_r1/revista1\\_9.pdf](http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r1/revista1_9.pdf)>. Acesso em: 20 outubro 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2008.

LEITÃO, S.; BANKS-LEITE, L. (2006). Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. In: Del Ré, A. (Org.). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2010.p.45-62.

LIMA, E. P. D. S.M. *Se formos fiéis a ele, ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus*. Pelotas: UCPEL. 2002

MORAES, Carla R. A., Linguagem verbal, argumentação e polifonia. *Unimontes Científica*. n.1, março, 2001. Disponível em: <[http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista%201/artigo\\_li nguagem\\_verbal.htm](http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista%201/artigo_li nguagem_verbal.htm)>. Acesso em: 02 abril 2011.

NETO, Joaquim Nepomuceno de Oliveira. Argumentação e Intencionalidade na Linguagem do Amazônia Paraense. In *Revista do GELNE*, v.1, 1999. p. 56-60. Disponível em:< [http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano1\\_no1\\_10.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_10.pdf) > Acesso em: 26 outubro10.

NEVES, José Luis. *Pesquisa Qualitativa - Características, usos e possibilidades*. São Paulo: USP, 1997. Disponível em: < <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06>>. Acesso em: 10 novembro10.

PASSOS, D. P. et al. *Como as crianças desenvolvem a argumentação infantil*. Ceará, 2007. Disponível em: <<http://www.profjoaobeaclair.net/visualizar.php?id=1435161>> Acesso em: 20 outubro10.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PIAGET, J. *Lê Jugement et lê raisonnement chez l'enfant*. Paris: Alcan, 1924.

PLANTIN, Christian. *A argumentação*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, C. L. da C. Os princípios argumentativos subjacentes à polifonia da fala infantil. *Letras Hoje*. Porto Alegre, v.36, n.4, p.97-126, dez. 2001.

\_\_\_\_\_, *A argumentação na fala infantil*. Cadernos de Pesquisa em Linguística, Porto Alegre, v.1, n. 1, ago. 2005.

SILVA, G. N. A Argumentação Presente em Diferentes Gêneros Textuais. *Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação*, ano 2 - 1ª ed. set./nov. 2008. Disponível em: < <http://revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/6287/5710> > Acesso em: 03 setembro 2010.

SOUZA, L. V. *As proezas das crianças em textos de opinião*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita*. São Paulo: Cortez, 1993.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge. UK: Cambridge University Press, 1990.


VIEIRA, Rodrigo Drumond. *Situações Argumentativas na Abordagem da Natureza da Ciência na Formação Inicial de Professores de Física*. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-85JH8P/1/disserta\\_\\_o\\_rodrigo.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC-85JH8P/1/disserta__o_rodrigo.pdf)> Acesso em: 25 outubro 2010.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VILABOL. Disponível em: <<http://mariaalicehof5.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em 29 outubro 2010.

## ANEXOS

### ANEXO A - Documentação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

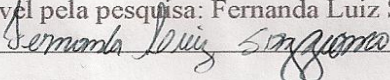
**Monografia “A argumentação na infância: um estudo de caso a partir de uma perspectiva enunciativa”**

**Consentimento**

Através deste documento, solicitamos a sua participação na pesquisa “A argumentação na infância: um estudo de caso a partir de uma perspectiva enunciativa” que prevê registro de gravações de conversas de Giovana Luiz Saggiomo. Os dados gerados serão analisados sob a orientação da Profª Drª Valesca Brasil Irala no desenvolvimento da monografia de graduação em Licenciatura em Letras, da Universidade Federal do Pampa, Brasil.

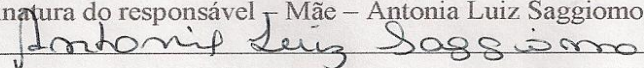
Este documento garante que 1) as identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em caráter confidencial pelo uso de pseudônimos; 2) os dados não serão disponibilizados para qualquer propósito que não se encaixe nos termos da pesquisa; 3) as gravações de áudio serão estudadas somente pelo pesquisador envolvido e por outros pesquisadores interessados no tema; e 4) as transcrições das gravações de áudio serão divulgadas apenas em publicações científicas, apresentações públicas acadêmicas e em salas de aula, para fins de estudo.

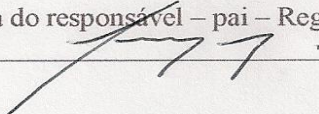
Solicitamos, portanto, o seu consentimento para uso dos dados gerados em gravações de áudio para que possamos dar desenvolvimento a estudo sobre argumentação infantil.

Responsável pela pesquisa: Fernanda Luiz Saggiomo  


Professora orientadora: Profª Drª Valesca Brasil Irala  


---

Participante: Giovana Luiz Saggiomo  
 Assinatura do responsável - Mãe - Antonia Luiz Saggiomo  


Assinatura do responsável - pai - Reginaldo Kaupp Saggiomo  


Bagé, 10 de junho de 2011





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**Monografia** “A argumentação na infância: um estudo de caso a partir de uma perspectiva enunciativa”

**Consentimento**

Através deste documento, solicitamos a sua participação na pesquisa “A argumentação na infância: um estudo de caso a partir de uma perspectiva enunciativa” que prevê registro de gravações, em áudio, de Antonia Luiz Saggiomo. Os dados gerados serão analisados sob a orientação da Profª Drª Valesca Brasil Irala no desenvolvimento da monografia de graduação em Licenciatura em Letras, da Universidade Federal do Pampa, Brasil.

Este documento garante que 1) as identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em caráter confidencial pelo uso de pseudônimos; 2) os dados não serão disponibilizados para qualquer propósito que não se encaixe nos termos da pesquisa; 3) as gravações de áudio serão estudadas somente pelo pesquisador envolvido e por outros pesquisadores interessados no tema; e 4) as transcrições das gravações de áudio serão divulgadas apenas em publicações científicas, apresentações públicas acadêmicas e em salas de aula, para fins de estudo.

Solicitamos, portanto, o seu consentimento para uso dos dados gerados em gravações de áudio para que possamos dar desenvolvimento a estudo sobre argumentação infantil.

Responsável pela pesquisa: Fernanda Luiz Saggiomo

\_\_\_\_\_ *Fernanda L. Saggiomo*

Professora orientadora: Profª Drª Valesca Brasil Irala

\_\_\_\_\_

Participante: Antonia Luiz Saggiomo

Assinatura da participante

\_\_\_\_\_ *Antonia Luiz Saggiomo*

Bagé, 10 de junho de 2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**Monografia** “A argumentação na infância: um estudo de caso a partir de uma perspectiva enunciativa”

**Consentimento**

Através deste documento, solicitamos a sua participação na pesquisa “A argumentação na infância: um estudo de caso a partir de uma perspectiva enunciativa” que prevê registro de gravações em áudio de Hilda Coelho Luiz. Os dados gerados serão analisados sob a orientação da Profª Drª Valesca Brasil Irala no desenvolvimento da monografia de graduação em Licenciatura em Letras, da Universidade Federal do Pampa, Brasil.

Este documento garante que 1) as identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em caráter confidencial pelo uso de pseudônimos; 2) os dados não serão disponibilizados para qualquer propósito que não se encaixe nos termos da pesquisa; 3) as gravações de áudio serão estudadas somente pelo pesquisador envolvido e por outros pesquisadores interessados no tema; e 4) as transcrições das gravações de áudio serão divulgadas apenas em publicações científicas, apresentações públicas acadêmicas e em salas de aula, para fins de estudo.

Solicitamos, portanto, o seu consentimento para uso dos dados gerados em gravações de áudio para que possamos dar desenvolvimento a estudo sobre argumentação infantil.

Responsável pela pesquisa: Fernanda Luiz Saggiomo

---

Professora orientadora: Profª Drª Valesca Brasil Irala

---

Participante: Hilda Coelho Luiz  
Assinatura do responsável – Filha – Antonia Luiz Saggiomo

*Antonia Luiz Saggiomo*

Número do termo de compromisso de curador – Natureza: interdição

004/1.10.0005283-4 (CND: 0052831 - 08.9010.08.21.004)

OBS: Hilda Coelho Luiz está interditada e sua filha é sua curadora legal, portanto, ela assinará o presente documento.

Bagé, 10 de junho de 2011

## Anexo B: Transcrições das gravações de áudio.

GRAV 01.

((G. pedindo para F. pintar um desenho para uma carta ao museu))

11 de setembro de 2010

G. – Por favo:::r

F. – Por favor o que?

G. – Pinta mais um pouquinho? Vai, vai, vai, vai!.

F. – E, que tu tá fazendo essa vozinha aí? De pedinchona... ((risos))

G. – ((risos))... Ah Nanda, pinta um pouquinho, pinta duas horas.

F. – Duas horas!? Tudo isso?

G. – Aham! Pinta agora, por favo:::r.

F. – Mas duas horas é muito tempo.

G. – Por favo::::::::::r. Só cinco horas então.

F. – Cinco horas são mais que duas horas.

G. – Hm.

F. – Um pouquinho... um minuto.

G. – Tá.

F. – Tá bom? Aí eu pinto. Mas porque que eu vou pintar?

G. – Para fazer o desenho paro carteiro levar lá para o museu.

GRAV 02.

((G. e F. estão brincando de mamãe e filhinha e G. vai contar uma história para F. dormir))

29 de setembro de 2010

F. – E do que que a gente vai brincar?

G. – De mãe e filha.

F. – De mãe e filha?

G. – Aham de mãe e filha.

F. – Quem vai ser a mamãe?

G. – Eu.

F. – Tu vai ser a mamãe e eu vou ser a filhinha? Tá. O que tu vai fazer comigo?

G. – Eu vou te contar uma história pra você dormir.

F. – Tá, deixa eu deitar aqui e me tapar.

G. – Era uma vez um doidão muito feliz, chamado....

F. – Chega mais pertinho de mim, mamãe.

G. – Tá.[...] Deu?

F. – Mamãe, eu quero a história da Branca de Neve.

G. – Ah tá, da Branca de Neve. Era uma vez uma Branca de Neve. Tão boazinha. Vivia num castelo tão bonitinho. E ela tinha as cor tão feliz ahh e depois lá veio o príncipe encantando depois casar com ela. Depois...

F. – Depois casar com ela?

G. – Depois veio uma bruxa e amarrou o príncipe!

F. – Ah é?

G. – É e depois ela foi salvar o príncipe.

F. – Ela foi salvar príncipe?

G. – É.



- F. – Ah é?  
G. – Depois apareceu o Felipe, um ótimo monstro.  
F. – Apareceu quem?  
G. – Felipe um ótimo monstro.  
F. – Felipe um ótimo monstro?  
G. – Depois ataco:::u.  
F. – Atacou o que?  
G. – Atacou eles.  
F. – A Branca de Neve e o príncipe?  
G. – Aham.  
F. – E o que aconteceu mamãe?  
G. – Depois lá veio o cavaleiro.  
F. – Veio quem?  
G. – Depois lá veio o cavareiro.  
F. – Ah é e o que que aconteceu?  
G. – O cavaleiro se chamava “Robert Wruck”.  
F. – Ah é? Tá e o que que ele fez?  
G. – E salvou eles do Felipe nhoc.  
F. – E salvou eles do Felipe nhoc?  
G. – Salvou.  
F. – Ah que legal.  
G. – Depois eles viveram felizes para sempre.  
F. – Viveram felizes para sempre?  
G. – Aham.  
F. – Que legal.  
G. – Gostou ou você quer mais?  
F. – Ah eu quero história... do Pinóquio.  
G. – Ah, do Pinóquio. Tá bem. Essa é a última que eu vou te contar.  
F. – A última que tu vai me contar?  
G. – É a última. Aqui está a história do Pinóquio.  
F. – Ah, então tá. Me conta a história do Pinóquio.  
G. – Tá eu vou te contar, mas fique quietinha.  
F. – Eu tô quietinha, mamãe.  
G. – Era uma vez, Pinóquio ia pra casa e viu uma grande baleia.  
F. – O Pinóquio?  
G. – Aham.  
F. – Ah é?  
G. – Aham.  
F. – Que mais que aconteceu?  
G. – E depois lá veio o Filein.  
F. – Veio quem?  
G. – O Filein.  
F. – Quem é o Filein?  
G. – Ele apareceu em uma grande montanha.  
F. – O Filein apareceu numa grande montanha?  
G. – É! De neve!  
F. – De neve...  
G. – Lá tava gelado i::: bumm  
F. – Direitinho, mamãe, conta a história direitinho. Como é que é a história do Pinóquio? Que eu lembro o Pinóquio tinha o nariz grandão.

- G. – Ele tinha o nariz grande e depois...
- F. – E porquê ele tinha o nariz grande?
- G. – Porque ele caiu em uma árvore.
- F. – Ele caiu numa árvore?
- G. – É.
- F. – Não o Pinóquio tinha o nariz grande porque ele gostava de fazer uma coisa errada. O que que ele fazia de errado?
- G. – Depois ele batia no seu vô.
- F. – Ele bateu no vovô? Na::o... O Pinóquio contava coisas erradas. Que que ele fazia?
- G. – Ele fazia arte.
- F. – Ele fazia arte, ele contava mentira.
- G. – É.
- F. – Mas quanto mais ele contava mentira, mais o nariz dele crescia. Tu lembra da historinha?
- G. – Lembro.
- F. – A Nanda te contou a historinha. Eu te contei, lembra?
- G. – Lembro.
- F. – Então conta a historinha pra Nanda. Tu não lembra da historinha.
- G. – Não...
- F. – Não lembra!?
- G. – Me conta como que foi.
- F. – Ah, mas eu não lembro. Só se tu trazer lá o teu livrinho.
- G. – Hmm. Pinóquio caiu pela uma árvore e bateu no vô.
- F. – Como é que ele vai bater no vô?
- G. – E depois ele caiu da árvore.
- F. – Ele caiu da árvore?
- G. – E depois lá veio um podero:so dragão que cospe fogo!!
- F. – O dragão cospe fogo?
- G. – Aham. E depois lá veio o príncipe...
- F. – O que que aconteceu... onde que ele atirou fogo?
- G. – Ele atirou bem na cabeça do Pinóquio.
- F. – O que que aconteceu com o pobre do Pinóquio?
- G. – Ele morreu.
- F. – Ai tadinho do Pinóquio. Pinóquio não morreu nada.
- G. – Morreu sim. Eu vi na minha história.
- F. – Tu viu na tua história?
- G. – Vi.
- F. – Não viu nada.
- G. – Vi sim.
- F. – Ah, não viu nada.
- G. – Vi sim.
- F. – ((tosse)). Como que tu viu se não tá lá?
- G. – Eu vi nas páginas dele.
- F. – Tu viu nas páginas dele...
- G. – Vi. Depois ele caiu pelo cospe fogo e ele quicou ele!!
- F. – Ele o que?
- G. – Quicou ele.
- F. – O que que é quicou?
- G. – O dragão!!
- F. – Que que é quicou?
- G. – Depois do (?) ele ficou morto.

F. – Tadinho. Como é que tu vai contar uma história tão triste assim?

G. – E depois só veio a mãe dele ver ele morre:::ndo. (?)

F. – História muito triste Giovana.

GRAV. 03

((G. vê o desenho de duas meninas no computador, e quer pedir))

09 de outubro de 2010

F: Quem é?

G: São três maninhas a Giovana e a Fernanda!

F: Então não são 3, são 2.

G: Ah, são quatro Nanda

F: Desaprendeu aprendeu a contar, Giovana?

G: Não sei

G: O “N” eu não me lembro?

F: Não lembra? E o D do Dog

G: Dog?

F: Dog

G. Dog é quem?

F: Tu sabe?

G: Não sei, é o cachorinho do World?

GRAV. 05

((G. está no quarto de F. querendo mexer em tudo e a sua mãe quer a levar pro banho))

09 de outubro de 2010

F. - Não sobre em cima da bolsa, tem coisas de quebrar Giovana! Por favor!

G. - O que tem?

F. - Coisa da Nanda.

G. - Ah deixa eu ver!

F. – Não!

G. - Deixa, deixa!

F. – Não!

G. - Ah deixa!

F. – Não!

G. – Ah! Deixa,deixa deixa!

F. – Não!

G. - Deixa! Ah só um pouquinho!

F. – Não!

F. - Se não eu não vou te dar!

G.- Nanda, você vai desistir?

F. -Vô!

G.- aaaiaaaauuuu ((G. cantando))

F.- Tu vai cair, vai te machucar!

M.- Vou levar ela pro banho

G.- MAMÃE eu tomei mamá, não lembra?

F. - Mas agora já dá pra ti ir pro banho, já tá na hora.

## GRAV. 06

((F. arrumando as unhas e G. quer brincar com os esmaltes))

12 de outubro de 2010

G. – É ruim? (?)... de acetona.

F. – Como tu sabe que é acetona?

G. – Ah, porque a mam... porque você disse.

F. – Eu disse? Eu não disse nada.

G.- É, disse acetona.

F. – Eu não.

G. – Disse sim!

F. – Não.

G. – Disse sim.

F. – Não disse não.

G. – Disse si:::m! Disse acetona arde. Disse só ardeto-ona. A-acetona, acetona, acetoninha::: (risos).

## GRAV. 07

((A G. está no quarto da F., enquanto a F. corrige algumas provas e sua mãe quer escovar seus dentes))

15 de outubro de 2010

F. – Hoje é o dia de quem?

(M. – Tá tu não vai vim Giovana?)

G. – Dos professores

F. – Ah, tu sabe!

(M. tá vem! Vamos escovar os dentes!)

F. – Não vai lá escovar os dentes?

G. – Com meu pai!

F. – Com teu pai?

G. – É!

G. – Nanda, deixa eu ver, deixa eu ver você fazer o giz, Nanda?

F. – O “X”?

G. – Eu quero ver você fazer um giz roxo, e pinta com sua caneta roxa.

F. – Ah, Giovana nem sei onde ta minha caneta roxa.

(M. tá Giovana, vamos lá, vamos lá que...)

## GRAV. 08

((F. estava ensinando para G. algumas palavras em inglês, logo iniciou a conversa sobre a morte do avô))

31 de outubro de 2010

G. – Abelhinha também é sheep, Nanda?

F. –Não! abelha é bee.  
 G. –Bee?  
 F. –Bee  
 G. –Biic?  
 F. –Bee  
 G. –Beec  
 F. –Mas diz pra Nanda, porque que a mamãe não pode:: não pode deixar flor lá no vovô Julio?  
 G. –Vovô Julio é o pai do meu pai!  
 F. –É verdade..mas porque que [...] não deixa mamãe dar, deixa::r a flor pro vovô Julio?  
 G. –Ele morreu! Nanda!  
 F. –Então a gente deixa florzinha lá nu tumulto dele, lá:: no cemitério.  
 G. – Ele foi pra lá pro céu!  
 F. – Como que tu sabe?  
 G. – Por que ele morreu!  
 F. – Humm, quem é que te contou?  
 G. –Meu pai.  
 F. –Humm  
 G. –Ele morreu!  
 F. –Ele morreu isso mesmo.  
 G. –e foi enterrado, Nanda.  
 F. – É verdade.  
 G. –Muito bem enterrado.  
 F. – Tadinho do vovô né?  
 G. –É...  
 G. –Eu to com saudade do vovô Julio, Nanda.  
 F. – É...  
 G. –Hamm que pena que o vovô Julio não vem mais.  
 G. – (vovô)Vovô Julio não gosta, humm Nanda, Vovô Julio não gosta de flores  
 F. –Não? Então não é pra levar flores lá no cemitério?  
 G. –hum hum, não.  
 G. – Eu gosto de flores Nanda!  
 F. –Quem não gosta de flores?  
 G. – Eu gosto de flores.  
 F. – Ah tu quer mais pra ti  
 G. – Gosto de flores Nanda!  
 F. –Ah é...  
 G. –É..  
 ((Silêncio))  
 G. –Flores.  
 F. –Flores?  
 G. –Flores!  
 F: eu vou te fazer cosquinha

GRAV. 09

(( G. quer escrever uma carta para o museu e pede para F. pintar ))

05 de novembro de 2010

G.– Não dá pra tu pintar um pouquinho pra mim?

F.– Por quê?

G.– Porque eu não consigo escrever. *Cartero* é mais fácil você escrever outro, é pro museu, essa pintura é 12 mil 12, é pra você pintar, é pra você escrever.

F.– Por que que eu vou escrever?

G.- Pro museu, é para um museu Nanda. Tão importante.

F.– Tão importante? Por isso que eu tenho que desenhar? Tá e eu tenho que escrever o quê?

GRAV. 10

((G. não quer ir dormir e se esconde no quarto da F.))

21 de novembro de 2010

F. - Porque olhos fechados?

G. - Nanda, olha o que eu achei embaixo da sua cama?

F. - Ah, uma notinha!

M. - Giovana vem pra cá!

G. - ((Inaudível)) Eu vou me esconder lá!

F. - Não te esconde, mamãe vai ficar braba que tu tá te arrastando no chão.

G. - ((Inaudível)) Ah eu vou me esconder lá!

F. - Que?

G. - ((Inaudível)) Vou me esconder lá.

F. - Não entendi nada, vem pra cá!

F. - Pra que vai te esconder?

G. - Pra mamãe não me achar. ((silêncio))

F.- Pra quê? Fala alto?

G. - Vou me esconder pra mamãe não me achar.

F. - Ah pra mamãe não te achar.

G. - Eu vou me esconder, esconder ((cantando))

M. - Quê?

G. - Mas eu quero treinar meu sapateado agora!

M. - Eu vou fechar as portas! Dá boa noite pra Nanda!

F. - Tu quer ficar aqui pra treinar teu sapateado?

G. - Aham, eu quero, eu quero né.

F. - Eu também! Não consegui convencer a mamãe então!

G. - Não.

F. - Por que que tu não conseguiu?

G. - Porque ela é muito dura.

F. - ((risos)) porque ela é muito dura?

G. - Que nem um sapo.

F. - Sapo é duro?

G. - aham.

F. - Já tocou em um sapo?

G. - Não.

F. - Então, como tu sabe que o sapo é duro?

G. - Eles, eles fazem ferida na perna.

F. - Os sapos fazem ferida na perna?

G. - Uhum

F. - ((risos)) vai lá escovar os dentes!

G. - Não posso.

F. - Não pode por quê?

G. - Por que eu preciso treinar ((sussurro))

M. - Vem Giovana, teu pai tá fechando a porta lá, à chave, você vai ficar aqui com a Nanda?

GRAV. 11

((G. se sujou de terra e não quer tomar banho))

29 de novembro de 2011

((F. O que a senhorita prometeu pra Nanda antes de ir brincar))<sup>19</sup>

G. - A se comportar direito e não pôr o pé na terra.

F. - É a senhorita tava colocando o pé na terra. Isso não pode.

G. - E me deu cosquinha nos meus pés.

F. - É. Tu vai pro banho agora.

G. - Hm-hm.

F. - Sim.

G. - ã-ã.

F. - Sim. Pro banho.

G. - Não vou.

F. - Vai sim.

G. - Eu vou colocar esse ferrinho na terra.

F. - Ah é?

G. - No barrinho.

F. - Tu vai é pro banho agora.

G. - Não.

F. - Sim.

G. - Pro banho não.

F. - Pro banho sim.

G. - Nã:::o.

GRAV. 12

((G. quer convencer a F. desenhar um Papai Noel utilizando um imã))

01 de dezembro de 2010

G. - Se eu desenhar um Papai Noel e pintar muitas vezes, eu não vou conseguir.

F. - O que que tu quer Giovana?

G. - Que você desenha o Papai Noel. Vai parecer que ele promete dar lá pras crianças, dar presente pras crianças, por isso que eu preciso do imã do Papai Noel, pra fazer o rosto do Papai Noel.

F. - Não, o meu imã de Papai Noel não. Aquele ali a Nanda ganhou de presente.

G. - Então você desenha pra mim.

F. - Mas eu não sei desenhar. Como desenhar Giovana?

G. - Desenhar com seu imã de Papai Noel.

F. - Não, a mamãe deve ter algum Papai Noel lá.

<sup>19</sup> Não foi possível gravar neste momento, mas logo após o dialogo essa primeira frase foi transcrita.

G. – Mamãe não tem. Ela já disse.  
 F. – Ela já disse? Ela não disse nada, mamãe nem tá aí.  
 G. – Ela já disse, mas ela foi embora. Toma cuidado pra não se engasgar.  
 F. – Tá.  
 G. – Vou ter cuidado.  
 F. – Eu sei.

(( G. quer que F. ajude a fazer um cartão para o papai Noel))

20 de dezembro de 2011

G.– Você nunca viu o Papai Noel antes quando ele era muito bonito.  
 F.– Ah, mas porquê que a gente vai desenhar o Papai Noel?  
 G.– Porque temos que desenhar senão ele vai ficar muito brabo com a gente e vai querer rasgar o cartão, sem a gente não desenhar ele.  
 F.– ((risos)) Por que que ele vai desenh... ele vai rasgar?  
 G.– Porque ele não gosta, foi a Madelaine que disse que não gosta dos cartões sem o nome.. sem a cara dele. Papai Noel. Tem que ter uma touca do Papai Noel, com um pompom que toca e dindon-dindon-dindon...  
 F.– É jingle bell, jingle bell...  
 G.– É dindon-dindon-dindon..  
 F.– Ah, mas eu não quero desenhar esse Papai Noel.  
 G.– O Papai Noel barrigudo.  
 F.– E o que que tem?  
 G.– El.. Eu gosto da barriga barriguda dele.  
 F.– Ah é? Onde é que tu viu o Papai Noel?  
 G.– Lá na Madelaine.  
 F. - Lá n'aonde?  
 G. – Lá na Madelaine.  
 F. – Ah, no desenho?  
 G. – Lá na Madelaine.  
 F. – E o que que é Madelaine?  
 G. – Madelaine é onde meu pai sempre vai! Esqueceu? Lá na cidade!  
 F. – Ah tu foi no centro?  
 G. – É. E por isso que eu fui lá na Madelaine, lá numa coleguinha, lá na Madelaine um pouquinho.

GRAV. 14

((G. escolhendo o nome para sua nova boneca))

26 de dezembro de 2011

G. – Quem me deu essa foi?  
 F. – Tu não sabe quem te deu?  
 G. – Hm-hm.  
 F. – Tia Terezinha.  
 G. – Ela é tão bonita.



F. – E qual o nome dela?  
 G. – Não sei.  
 F. – Tu não deu um nome da tua boneca?  
 G. – ã-ã.  
 F. – Tem que dar um nome. Que nome tu quer dar?  
 G. – Que tal Papa?  
 F. – Papa?  
 G. – Aham.  
 F. – Pode ser.

GRAV. 15

(( G. quer ajuda para construir uma casinha de gato, para que assim possa ganhar um gato))

Data: 12 de janeiro de 2011.

G. – Casinha de gato.  
 F. – Como que é?  
 G. – A minha casinha de gato, você não tá me ajudando!  
 F. – ah, eu não to mesmo.  
 G. – Porque que não?  
 F. – porque..., porque::: você não está se comportando!  
 G. – ah, vamos logo! ((G. puxando F. para que ela fique em pé))  
 F. – (risos) não  
 F. – (risos), tu vai me derrubar!  
 G. – ahh  
 F. – Giovana!!  
 G. – ahh  
 F. – larga!  
 G. – ta na hora de ir lá comer(!)  
 F. – vai deixar eu ir lá comer?  
 G. – vô!  
 F. – Pára de me puxar!  
 G. – Não vou parar enquanto você não ir lá e comer!  
 F. – Você não vai Pará enquanto eu não for lá pra comer?  
 G. – Não!  
 F. – Como você é! ai!  
 G. – Aham (risos)  
 G. – O quê? (risos)  
 F. – Olha que eu vou te fazer cosquinhas.  
 G. – (risos)  
 F. – olha que eu vou te fazer cosquinhas!  
 G. – (risos)  
 F. – enquanto tu não me largar eu vou te fazer cosquinhas.  
 G. – (risos)  
 F. – viu largou rapidinho  
 G. – (risos) ((inaudível))  
 F. – isso aí não pode, isso é do banco ((G. estava mexendo no cartão de crédito da F.))  
 G. – e essa, e essa aqui?  
 F. – Não, eu vou te fazer cosquinha

G. – (risos)

GRAV. 16

((Antes do lanche, G. conversa com F. sobre gatos))

14 de janeiro de 2011

G. – Quando a minha mãe for sair.

F. – O que que tu vai achar quando a mamãe sair?

G. – Uma mãe pro gato da Andriele, o último gato, os dois gatos.

F. – Ela tem dois gatinhos?

G. – Aham. Eu peguei aquele e ele foge de mim e eu pego ele. Ele sobe na árvore e eu pego ele!

F. – Tu pega o gatinho?

G. – Pego.

F. – Tu não pediu pro papai um gatinho pra ti?

G. – Eu pedi muitas vezes e ele deixou e deu.

F. – Ele deixou? E cadê o gato que nunca tá aqui?

G. – Ele só vai pegar quando, quando eu pensar.

F. – Ele só vai pegar quando tu pensar?

G. – Uhum.

F. – E tu não tá pensando?

G. – Tô pensando.

F. – Então?

G. – Eu to pensando em fazer uma casinha pra ele, e o meu gatinho fazer cocô e arrotar.

F. ((risos)) Arrotar não, vomitar!

G. Vomitar.

F. – Ah é, então depois que tu fizer... Mas o teu pai não vai te dar.

G. – Ele não gosta de gato. Ele só pensa que, ele só pensa que eles mordem e eles são bem pequenos, da Andriele.

F. – Acho que papai não vai querer te dar.

G. – É que ele vira da cabeça do travesso, ele vira.

F. – Ele vira o quê?

G. – A cabeça dele virada do travesso. É, do travesso.

F. – Ahh. Cabeça do papai vira do avesso?

G. – É. Vira do avesso.

F. – Aí ele vai te dar o gato?

G. – Quando a cabeça dele vira do travesso, ele não dá nadinha pra gente.

F. – Ah, que coisa. O que tu vai falar pra ele pra ele te dar?

G. – Não sei. eu acho que vou dizer que eu vou fazer uma casa pro meu gato arrotar e fazer cocô e xixi.

F. – Ah, essa é uma boa justificativa, tá e me diz uma coisa. Tu vai gostar do gato?

G. – Vou.

F. – Tem que dizer isso pro papai.

G. – É.

F. – Que tu vai dizer pro pai?

G. – Eu vou fazer uma porta.

F. – Que tu vai dizer pro papai?

G. – Que eu vou fazer uma porta aqui pra ele, que abre e fecha, que se fecha e ele achava, ele ia ficar chorando sem a mãe dele.

- F. – Ah sim.  
G. – Eu vou procurar a mãe dele.  
F. – Vai procurar, aí a mãezinha dele tu vai cuidar?  
G. – Aham.  
F. – Tu vai cuidar?  
G. – Vou.  
F. – Tu vai limpar o xixi, vai dar comidinha?  
G. – vou, vou e vou tudo sim, vou fazer tudinho, se eles quiserem.  
F. – É?  
G. – É, mas eu vou ter que ter uma ajudante.  
F. – Quem vai ser a tua ajudante?  
G. – Você.  
F. – Eu?!  
G. – É.  
F. – Eu tua ajudante?  
G. – Aham.  
F. – Porquê?  
G. – Porque ninguém pode fazer nada sozinho.  
F. – hã, quem te disse isso?  
G. – Meu pai.  
F. – E tu quer que eu te ajude?  
G. – A fazer a casinha de gato.  
F. – Ahh.  
G. – É, tu vai me ajudar agora?  
F. – Ahh.... ahh...  
G. – Por favor, por favor, por favor.  
F. – Ahh...  
G. - Por favor, por favor, por favor.  
F. – Ah, tu tá sendo tão educadinha...  
G. - Por favor, por favor, ain por favor...  
F. – Tá bom, tá bom tá bom, eu te ajudo a cuidar a gatinha.  
G. – Mas também você tá dizendo que vai me ajudar a fazer a casinha de gatinho.  
F. – Ah não, a casinha de gatinho é contigo. Tu que faz.  
G. – Você vai ter que me ajudar, por favor, por favor.  
F. – Ai ai ai.  
G. – Ah, por favor. Vamos cobrir ela com papel com tinta. Quando a gente cobrir com todo o papel na casinha, ((inaudível)) pintura, vai ficar assim. E eu vou fazer uns top na minha gatinha. Não vai ser gato.  
F; – Ah não, mas eu só ajudo a cuidar do gatinho. Fazer a casinha tu faz. Tá bom?  
G. – mas nada...é feito se ninguém me ajudar.  
F. – Nada feito se ninguém te ajudar?  
G. – Não.  
F. – Tá bom, eu te ajudo.  
G. – Mas a gente vai ter que usar a tinta fora daqui, a minha mãe disse, então vamos fazer onde? Lá na mesa da sala de janta eu acho  
F. – Ah é? Tá bom.  
G. – Então vamos lá?  
F. – Vamos lá.  
G. – Levanta.  
F. – Eu tô com preguiça.

G. – Nanda, você vai sentar no banco lá da sala de janta, então vamos.

GRAV. 17

((F. ensinando a G. os números em inglês))

27 de janeiro de 2011

F. – Como é que é o oito? ((mostrou o número um na mão))

G. – isso não é oito

F. – Esse é um one...

G. – Two, three, four, five...

F. – E com a tua outra mãozinha?

G. – Six...

F. – E o outro?

G. – One.

F. – Hã?

G. – One.

F. – Depois do six é o?

G. – Three.

F. – Que three Giovana?

G. – Three.

F. – Não.

G. – Three, three...

F. – Ah, tu não sabe contar mais tu não lembra o que a Nanda te ensinou. Six?

G. – Seven!

F. – Depois do seven?

G. – Vem o one.

F. – One?

G. – Eight!

F. – Não grita.

G. – Eight, eight.

F. – Depois do eight?

G. – Vem.. seven.

F. – Não, se antes do eight vem o seven, depois do eight não pode ser o seven. Depois do eight é o?

G. – Nine.

F. – E depois do nine é o?

G. – Six.

F. – Não.

GRAV. 18

((A G. contando a história da Cinderela))

28 de Janeiro de 2011

G. – Vamos fazer de faz de conta. Uma vez...

F. – Faz de conta o que?

G. – Faz de conta eu te juro que é. Depois a Cinderela começou...

- F. – Ah, começa do início a historinha pra Nanda.  
 G. – Tá, o início. A Cinderela caiu de uma árvore depois caiu de um (inaudível).  
 F. – A Branca de Neve caiu... Cinderela caiu?  
 G. – Aham.  
 F. – Ai tadinha Giovana, já começa caindo da árvore.  
 G. – Hahahaha. Na verdade é o dragão que cospe fogo e mordeu a Branca de Neve.  
 F. – O dragão que gospe, aaann, muito triste essa história, não gosto de história triste, eu gosto de história feliz.  
 G. – Depois lá vem o Príncipe encantado e dá um beijo nela e ela e fez ela sofrer.  
 F. – Fez ela o que?  
 G.- Fez ela sofrer.  
 F.- Porque se o príncipe beijou ela?  
 G. – Para ela continuar sofrendo.  
 F. – Mas sofrendo é ruim.  
 G. – Ela sofre.  
 F. – Tu sabe o que é sofrer?  
 G. – Não.  
 F. – Sofrer é uma coisa muito ruim, é quando a pessoa fica mu::ito triste.  
 G. – Depois ela ficou muito bem. Ele tinha garra.  
 F. – Quem tinha garra?  
 G. – O príncipe. Depois ele deu um abraço nela e arranhou ela.  
 F. – Tadinha. E ele pediu desculpa?  
 G. – Ele não pediu.  
 F. – Ah, não gostei desse príncipe então.  
 G. – Depois, veio um príncipe sem garra. Depois ela posou no médico todos os dias.  
 F. – Ela o que?  
 G. – Ela posou no médico todos os dias.  
 F. – Ela posou no médico, foi pro hospital?  
 G. – Uhum. Depois.... ela amou ele.  
 F. – Ela amou ele?  
 G. – O com cabelos...o pelo.. o que.. o príncipe não tem cabelo branco, o que tem cabelo preto.  
 F. – Ah tá.

GRAV. 19

(( Após a G. brincar na terra, G. e F. conversam))

02 de fevereiro de 2011

- G. – Levei um caracol pra casa dele.  
 F. – Um caracol pra casa dele? Onde é que tem caracol Giovana?  
 G. Tava na terra e eu vou ter que, eu botei... (imprecisão)  
 F.- Tu não mexeu no caracol, né?  
 G.- Não.  
 F.- Não, né?  
 G.- Não.  
 F.- Não pode.  
 G.- Se não ele queima.  
 F.- Ele queima e tua mãozinha fica toda suja. Sabia?

G.- E tem que lavar com sabão.  
 F.- Muito, muito, muito sabão. Não pode tocar. Tem muitos germes. Tu gosta?  
 G.- Gosto.  
 F.- Gosta de germes?! Mas faz mal pra saúde.  
 G.- Eu tenho que lavar as mãos agora  
 F.- Ah é? Que nojo Giovana.

GRAV. 20

((G. pergunta quem deu a lancheira da Minnie e do Mickey pra ela))

21 de fevereiro de 2011

G. – Antes de eu ir pro colégio.  
 F. – Ah é.  
 G. – Quando eu era bem pequena.  
 F. – Quando tu era bem pequena?  
 G. – Aham. Foi você... Quem me deu?  
 F. – Tu sabe quem te deu.  
 G. – Eu não me lembro.  
 F. – Não lembra?  
 G. – Hm-hm.  
 F. – Foi a Nanda que te deu.  
 G. – Eu gostei Nanda. É da Minnie e do Mickey Mouse.  
 F. – Isso mesmo.  
 G. – Pra eu ir pro colégio quando eu era... Quando eu ficar do seu tamanho. Para eu ir no Melanie.  
 F. – Tu vai pro Melanie?  
 G. – Amanhã.  
 F. – Amanhã?  
 G. – Aham.

GRAV. 21

((M. e F. estavam fazendo as unhas e a G. quis colocar acetona em um esmalte))

23 de fevereiro de 2011

M. Fica quieta Giovana.  
 F. – Porque colocou a acetona?  
 G. – Porque precisa.  
 F. – Como é que tu sabe?  
 G. – Fica bem molinha a unha.

GRAV. 22

((Há uma hora atrás o pai de G. saiu, e ela está com saudades))

05 de março de 2011

F. – Mas me diz uma coisa. Porque tu quer que o papai volte?  
 G. – Porque o meu pai tá no quartel ainda...  
 F. – Hã?  
 G. – Porque o meu pai tá no quartel há semanas.

F. – Há semanas? Papai não tá no quartel há semanas.  
 G. – Ele tá há semanas.  
 F. – Tá não.  
 G. – Ele tá a semana toda.  
 ((M. – Fernanda, pega o secador pra secar o cabelo rapidão.))

GRAV. 23

((Hora do lanche, em casa, e a G. começa a inventar uma música))

28 de março de 2011

F. – Canta.  
 G. – Meu lanchinho vamos terminar, tá na hora de fugir, vamos comer, comer e aproveitar. Tá na hora de comer. Tá na hora de comer o meu lanchinho, vamos comer, comemorar, nham nham nham, nham nham nham, é uma delícia comer, você diz uma vez, só que é muito bom comer um lanchinho doce, doze câmara, meu lanchinho vamos comer. Tá na hora de música, vamos comer! Tá na hora de ligar o rádio e comer! Vamos comer, comemorar, yeah!  
 F. – Yeah!  
 G. – É só comer e para ficar bem cheinho aí pra poder arrotar o que ta fazendo não não não, isso não é importante, não não não, importante é quem come dema:::iis. Não fuuuja heein, tô de olho em você. ((risos))  
 F. – Legal. Tem mais musiquinha do lanche?  
 G. – Hum... só tem essa. Depois que a tia Pâmela me der mais aulas, eu vou aprender.  
 F. – Mais musiquinhas, isso mesmo!

GRAV. 24

((G. querendo escrever seu nome no computador de F.))

30 de março 2011

G. – Nanda!  
 F. – Hamm?  
 G. – Posso fazer de novo?  
 F. – Fazer o quê?  
 G. – O meu nome!  
 F. – porquê?  
 G. – Porque eu quero!  
 F. – Não!  
 G. – Por favor, só um pouquinho, só duas vezes!  
 F. – Só duas vezes? Por que:::? Só duas vezes por quê?  
 G. – Por quê eu quero  
 F. – Tá e a primeira letra?  
 G. – Aqui  
 F. – i o “i” cadê?  
 G. – Hum aqui!  
 F. – É uma vez só que a Nanda vai te emprestar.  
 F. – Aperta o “i”  
 G. – Opa!  
 F. – Agora o “o”  
 F. – Agora o “v”

- G. – É:::!
- F. – É uma vez só!
- F. – Aperta o “v”
- F. – Agora o “a”
- F. – Agora o “n”, espera aí aperta o “n”
- F. – Agora o “a”
- F. – Muito bem!
- F. – Agora a Nanda tem que trabalhar
- G. – Tá, depois de terminar de... disso... posso fazer isso de novo?
- G. – Posso fazer o meu nome?
- F. – Por quê?
- G. – Se::: você não demora para fazer o seu trabalho, posso terminar
- F. – Posso o quê?
- G. – Posso terminar de fazer o meu nome? Fazer outra coisa? Fazer todo nome meu
- F. – Por quê?
- G. – Hamm Nanda depois eu vou querer fazer o nome da mamãe
- F. – Porque tu vai querer fazer o nome da mamãe?
- G. – Porque eu quero.
- F. – Quer?(risos), quer muito?
- G. – Quero
- F. – Hummm, hummm não sei, não sei Giovana
- F. – Pra que tu quer fazer isso? (risos)
- G. – Porque eu quero
- F. – Porque tu quer? mas pra quê?
- G. – Porque eu quero
- F. – Pra aprender?
- G. – Quero (risos)
- F. – Me convence (risos) me convence
- G. – Tá bom:: (risos) tipo cócegas
- G. – Humm
- F. – Não
- G. – Por favor::: ahm
- F. – Não:::, não:::, Giovana quando a Nanda diz não é...
- G. – Não faz, mas eu quero!
- F. – Mas não é pra teimar, humm
- F. – Que feio!
- G. – Tá bom!
- F. – Vai te comportar? hum
- G. – Eu vou pensar no seu caso!
- F. – Como vai pensar no meu caso?
- G. – Eu quero, quero, quero!
- F. – Tu quer o quê?
- G. – Pensar no seu caso!
- F. – Humm
- ((G. vê uma caixa de cotonetes e o óculos de sombra próximo))
- G. – Cotonete é pra limpar os óculos seus!
- F. – Óculos não, cotonete é pra limpar os ouvidos de menina que não obedecem
- F. – Eu vou limpar os ouvidos da dona Giova::na:::
- G. – Não, aqui ta sujo!
- F. – Eu vou limpar teus ouvidos, ah ta sujo?



- G. – Só aqui tá limpinho!  
 F. – Agora a Nanda vai trabalhar, segue lá, vai lá seguir brincando!  
 F. – Tem que obedecer, né? Não é?  
 G. – A::h, mas o que diz aqui?  
 F. – aqui é inglês que a Nanda tá trabalhando.  
 F. – agora:::?  
 G. – Boquinha custuradinha!  
 F. – Isso!  
 F. – Já sabe.

GRAV. 25

((F. corrigindo provas e G. querendo desenhar))

06 de abril de 2011

- G. – Nanda você tem uma folha de papel pra eu pintar e uma caneta?  
 F. – Não isso aqui são provas.  
 G. – Eu vou tentar fazer um gatinho, Nanda. Eu vou tentar Nanda. É verdade.  
 F. – ((risos)), não tô dizendo que é mentira.  
 G. – Ah... então, eu quero fazer um relógio. Tá brincando comigo?  
 F. – Eu brincando? Porque?  
 G. – Porque você disse que tá brinca::ndo:::, cuti, cuti, cuti.  
 F. – Ah, é cosquinha? Não, a Nanda não tem folha de papel aqui, só de prova.  
 G. – Tá, eu faço a prova.  
 F. – Nem pensar!  
 G. – Eu faço a prova, Nanda.  
 F. – Não.  
 G. – Ah eu faço a povra pra você. Eu faço... eu faço o relógio com o gatinho com os ponteiros e os números, Nanda. Olha.

GRAV. 26

((G. tenta convencer sua vó a ir à igreja))

10 de abril de 2011

- G. – Vovó, você tem que ir lá na igreja, se não::: o Jesus do céu não vai te abençoar. Você tem que ir logo.  
 F. – Vai tá bom lá? Giovana, vai tá bom na igreja?  
 G. – Vai, vai tá bom. E Jesus do céu vai tá lá, você pode brincar, sem falar, se falar tem que falar baixinho, senão o Jesus do céu não te abençoa.  
 F. – ((risos)).  
 V. – Ela explica bem explicado.  
 F. – Ah, ela explica bem explicadinho.  
 G. – Você tem que obedecer.  
 F. – Obedecer o que Giovana?  
 G. – A Jesus. Tem que ir lá pra igreja logo, senão Jesus não te obedece.... se não Jesus... não...

F. – Abençoa.  
G. – Não abençoa.

## GRAV. 27

((G. ao ver o livro ilustrado dos três porquinhos, através das imagens começa a contar a história para F.))

19 de abril de 2010

F. – Eu quero a história dos Três Porquinhos.  
G. – Ah... vai logo  
F. – Três Porquinhos.  
G. – Tá.  
F. – Conta então.  
G. – Um porquinho, dois porquinhos tavam numa casa de palha. Outro porquinho foi em outra casa e construiu uma casa... de madeira.  
F. – Isso mesmo.  
G. – E aí, outro porquinho fez uma casa de tijolos. Aí o lobo mau veio e bateu na porta de madeira.  
F. – De madeira? Não, primeiro foi a outra.  
G. – Então a de palha. Ele bateu. Se você não abrir eu vou assoprar e assoprar, sua casa vai desabar. E ele assoprou e ele assoprou, fu::::u((barulho de sopro)), e a casa desabou.  
F. – Ah é?  
G. – E o porquinho fugiu, fugiu para a casa de madeira.  
F. – Hum.  
G. – Ela também era... Um pouquinho dura.  
F. – Como assim?  
G. – Ela não dava pra caber todo mundo.  
F. – Ah, a casa de madeira.  
G. – As madeiras são muito apertadas, Nanda.

## GRAV. 28

26 e abril de 2011

((F. e G. estão montando um quebra-cabeça, quando F. questiona G. sobre o porquê dela não ter comido um bem-casado))

F. – Porque que tu não gostou de comer a comidinha lá?  
G. – Porq::: porque eu só gosto de bigadeiro.  
F. – Só gosta de quê?  
G. – Eu só gosto de bigadeiro.  
F. – Bigadeiro ou brigadeiro?  
G. – Eu gosto de bigadeiro.  
F. – ((risos)) Tá bom, tá bom.  
G. – Mas não conte pra ninguém que eu gosto de bigadeiro.  
F. – Porquê?  
G. – Porque é segredo.  
F. – Segredo? Porquê que é segredo?  
G. – Porque eu guardei.  
F. – Tu guardou o que?

- G. – O segredo eu guardei.  
 F. –(risos), que segredo, Giovana?  
 G. – Que eu não gosto de bem-casado  
 F. – Hum? Aqui junto com a Nanda. Tu não gosta de pão nem de bem-casado?  
 G. – Só de bigadeiro. Eu não gosto nem de bem-casado.  
 F. – Hehe, é tão bom!  
 G. – Não... é ruim! Ruim, ruim!  
 F. – Tem gosto de quê o bem-casado?  
 G. – Tem gosto de passo.  
 F. – De quê?  
 G. – Tem gosto de passo.  
 F. – De passo?  
 G. – Uhum.  
 F. – O que que é passo?  
 G. – Passo é uma coisa ruim. O o gosto de quebra-cabeça.  
 F. – E qual é o gosto de quebra-cabeça?  
 G. – Quebra-cabeças são ruins.  
 F. – São ruins? Tu não gosta de montar quebra-cabeça?  
 G. – Gosto de montar quebra-cabeça.  
 F. – Então?

GRAV. 29

((F. e G. estão montando um quebra cabeça, quando a G. fala sobre Rodrigo, o noivo da F.))

26 e abril de 2011

- F. – Quê?  
 G. – A casada foi perdida.  
 F. – Não entendi.  
 G. – A casada foi perdida.  
 F. – Quem que foi perdida?  
 G. – A casada foi perdida!  
 F. – O que que foi perdida?  
 G. – A casada foi perdida, sua lata!  
 F. – Que? Eu não entendi. Que casada?  
 G. – A casada é você, do Rodrigo.  
 F. – Casada com o Rodrigo? Eu não sou casada com o Rodrigo.  
 G. – Rodriguinha. Rodriguinha. Rodriguinha. Rodriguinha. Rodriguinha. Rodriguinha.  
 F. – Rodriguinha? Da onde tu tirou essa hein?  
 G. – Rodriguinha, Rodriguinha, Rodigrinha.  
 F. – Rô o quê?  
 G. – Arrumar, vamos arrumar as peças  
 F. – Do que que tu me chamou?  
 G. – De Rodriguinha.  
 F. – Rodiguinha?  
 G. – Aham. Rodriguinha.  
 F. – Rodriguinha. Porquê Rodriguinha?  
 G. – Rodriguinha é Rodriguinha. (?)  
 F. – Mas porquê é Rodriguinha?  
 G. – Porque é Rodriguinha! Rodriguinha-nanda.

F. – Rodriguinha-nanda?  
 G. – Rodrigão.  
 F. – Porquê Rodrigão?  
 G. – Você é Rodrigão.  
 F. – Mas Rodrigão não é nome de mulher. Rodrigão é um Rodrigo grandão. Bem grandão.  
 G. – Desse tamanão?  
 F. – Do quê?  
 G. – Desse tamanão?  
 F. – Tamanão?  
 G. – Aham. Do tamanho de um gigante?  
 F. – Do tamanho de um gigante? É um Rodrigão.  
 G. – Nós terminamos!!  
 F. – Nós terminamos.  
 G. – Agora vamos desmontar.  
 F.- Você desmonta.  
 G. Pronto  
 F. Tem que desmontar tudo  
 G. – Desmonta comigo?  
 F. – Como se pede?  
 G.- Por favor!  
 F. -Tá bom, eu te ajudo, nós duas!  
 F.- Você gostou desse quebra cabeça?  
 G.- Adorei!  
 F. Vai querer montar de novo?  
 G.- Vou, mas agora você tem que ajudar pra desmontar.

## GRAV. 30

((G e F. estão brincando no quarto da G., nesse dia a gaveta de seu guarda roupa estragou e ela estava brincando com algumas partes))

03 de maio de 2011

F. – Conta pra Nanda, o que houve?  
 G. – Tem que comer de mentirinha.  
 F. – Por quê?  
 G. – Porque isso é da gaveta estragada esse parafuso.  
 F. – É o que?  
 G. – Não devia ter estragado esses parafusos e essas coisa.  
 F. – E o que tu queria falar com a Nanda?  
 G. – Não PODE comer parafuso ou engrenagem.  
 F. – ((risos)) o que que acontece?  
 G. – A gente fica, tem que ir pro céu.  
 F. – Hum, entendi então não pode. Tem que comer direitinho. Tá bom? Tá bo::a essa comidinha.  
 G. – Já terminou?  
 F. – Ainda não. Tô com fome.  
 G. – Ah! Quer mais?  
 F. – Quero. Que que tu tem?  
 G. – Ahm spaguet.  
 F. – Ah, mas isso é ruim.

G. – Hum. Caldinho?  
 F. – Ah, mas isso é ruim.  
 G. – Caldinho de feijão.  
 F. – Ah, mas é ruim.  
 G. – É gostoso e eu já provei um dia.  
 F. – Tu já provou um dia,((risos)).  
 F. – Ah, então se tu já provou um dia eu quero um pouquinho  
 F.- Huum delicioso!  
 G.- E você quer arroz?  
 F.- Não!  
 G.- É delicioso também, eu já provei um dia também, pô!  
 F.- Já provou um dia também?! (risos)  
 G.- Arroz com feijão coado  
 F.- Ahh, eu comi tudinho!  
 G.-Que bom  
 G.- Tem que provar... Ba! Tudo ficou vazio!  
 F.- Agora quero algo para beber [...]  
 F.- Algo para comer!  
 G. Algo pra tomar e comer?  
 F.- Opa, é só para tomar  
 G.- Tá!  
 F.- O que que é isso? ((perguntando sobre o suco))  
 G.- Não pode tomar de verdade, só de mentira!  
 F.- Por que só pode comer de mentira?  
 G.- Por que se não ele vai lá pro dedão do pé, e tem que ir lá::: pro céu.  
 F.- A:::h tá bom, então agora mesmo vou tomar bem de longe.  
 F. Hum.. Muito bom esse suco.  
 G.- Muito obrigada!  
 F.- Agora, a Nanda tem que ir embora!  
 G.- Ah!  
 F.- Tá bom?

#### LEGENDA.

(( )) Contextualizando a conversa.  
 ((risos)) Quando há risadas naquele período da conversa.  
 : Prolongação daquela vogal.  
 ... Quando há uma aparente continuação.  
 [...] períodos de silêncio.